

CADERNO DE RESUMOS

ENCONTRO DE PESQUISA: HISTÓRIA POLÍTICA E EXTREMA DIREITA

DATA DO ENCONTRO: 25 A 27 DE OUTUBRO

LOCAL: IFCS (UFRJ)

Conferência de Abertura – Como trabalhar a extrema direita hoje

Data: 25/10 - 10h-12h

Local: Salão Nobre (IFCS, 2º andar)

Convidados: Samantha Quadrat (UFF); Juçara da Silva Barbosa (PUC-RIO); Odilon Caldeira Neto (UFJF)

Mediador: Michel Gherman (UFRJ)

Mesas discentes

25/10 – Quarta-feira

Mesa 1: Extrema-Direita e as novas mídias

Mediador: Suzy Dos Santos (UFRJ)

Sala Evaristo – 13h-15h

Redes Digitais e Brasil Paralelo: “Guerra Cultural e a hegemonia das Direitas no Brasil recente (2010-2023)

Mayara Aparecida Machado Balestro dos Santos

(Doutoranda UFJF)

Nos últimos anos temos acompanhado um significativo avanço do pensamento guiado pela “defesa da ordem”, baseado na tradição, família, prosperidade, sendo algumas das manifestações desse reacionarismo o discurso de ódio sobre minorias, mulheres, movimentos sociais e sindicatos, a exaltação do mercado como espaço de realização das liberdades, a perseguição de professoras e professores e à liberdade de cátedra. Diante de tempos obscuros como este, em que, não raro, o adjetivo “histórico” é reivindicado antes de o dia acabar, torna-se importante compreender as formas organizativas de grupos e sujeitos das novas direitas brasileiras com o objetivo em analisar suas dinâmicas e seus espaços de atuação. Portanto, a presente comunicação fruto de uma pesquisa em desenvolvimento busca investigar a o modus operandi das direitas brasileiras, em especial a plataforma Brasil Paralelo. Tendo como método de análise estudos ancorados em discussões sobre redes digitais, guerras culturais, ciberespaço, novas direitas e novas extremas direitas. Com base teórica nos estudos de dois historiadores, o argentino Pablo Stefanoni (La rebeldía se volvió de derecha), o espanhol Steven Forti (Extrema Derecha 2.0) para pensar as novas facetas das direitas recentes e na antropóloga brasileira Letícia Cesarino (O mundo do avesso – Verdade e política na era digital).

Conspiração, negacionismo e os usos das mídias digitais bolsonaristas para a produção de identidade da extrema direita brasileira.

Beatriz Monteiro Lemos

(Doutoranda UFRJ)

Este trabalho integra a pesquisa de doutorado que se propõe a analisar os usos políticos do negacionismo e das teorias da conspiração para a produção de uma realidade que evoca identidade política, ou seja, como estratégia de construção de identidade da extrema-direita no Brasil. A proposta de comunicação terá como foco o uso das mídias digitais durante a gestão de Jair Messias Bolsonaro como presidente do país entre 2018 e 2022, marcada pela disseminação de notícias falsas e teorias da conspiração - fenômeno agravado pela pandemia de Covid-19 que assolou o mundo e que foi sistematicamente negada por Bolsonaro e seus apoiadores. Serão analisados seis sites de notícias com audiência relevante no cenário nacional (entre 1 e 12 milhões de visitantes por mês): Gazeta do Povo, Jovem Pan, Brasil Paralelo, Jornal da Cidade Online, Terra Brasil Notícias e Conexão Política. Os temas mobilizados para a pesquisa desta tese baseiam-se numa gramática inserida no projeto político-moral da extrema-direita que permeia diferentes momentos da história e que visa proteger hierarquias tradicionais e negar a ideia do social. Segundo Schurster, Gherman e Ferrero-Vázquez, se o negacionismo está associado a um passado como querem que seja, “as teorias conspirativas desempenham um papel fundamental, social e aglutinador para movimentos extremistas. As teorias da conspiração, associadas ao negacionismo, estabelecem grupos extremistas e são a forma pela qual eles se radicalizam, utilizando a violência como a expressão de ação política dessas ‘visões de mundo’” (2022, pp.21). Para Souza, Alves e Almeida, “o negacionismo político se traveste de discursos e práticas que colocam em xeque não somente a ciência, mas também as conquistas civilizatórias da humanidade” (2022, pp. 51). Analisaremos, portanto, narrativas como os ataques à estabilidade democrática e aos direitos humanos, o negacionismo científico, os ataques à Amazônia, a territórios e comunidades tradicionais (indígenas e quilombolas), às mulheres, à população negra e à comunidade LGBTQIA+. Serão identificadas e analisadas as narrativas da extrema-direita de apelo aos valores da família, dos costumes conservadores da religião cristã, associando movimentos e partidos de esquerda à desmoralização social e negando toda identidade coletiva em prol da identidade particular - inclusive com discursos contra as instituições e o Estado.

As mídias, segundo Cesarino, são mediações: não causam nenhum fenômeno, mas introduzem vieses que favorecem certos direcionamentos latentes na sociedade (2022, pp.12). A partir da mobilização de meios de comunicação utilizados pela extrema-direita no governo Bolsonaro, buscaremos observar em que medida questionar ou negar consensos

científicos e avanços sociais são uma estratégia central para sua organização e compõe as estratégias para chegar ao poder.

Entre o negacionismo e o anticomunismo: Brasil Paralelo e a guerra de narrativas da extrema direita nas redes

Douglas da Silva Araujo

(Mestrando UFF)

A exposição tem por objetivo apresentar o âmbito das estratégias ideológicas e das disputas de narrativas empreendidas por grupos das novas extremas direitas nas redes, a partir de um estudo de caso da produtora Brasil Paralelo, que além de empresa lucrativa do ramo da comunicação e do entretenimento, se constitui na conjuntura enquanto um exímio aparelho de ação política-ideológica a serviço dos interesses de grupos dominantes e vinculada ao bolsonarismo. Examina-se de um lado quais são os usos políticos que a produtora faz do passado e da história em suas principais produções, analisando as inconsistências teórico-metodológicas e epistemológicas aí presentes, e de outro, investiga-se como a Brasil Paralelo promove e atualiza o ideário do anticomunismo através dos seus projetos e conteúdos de cunho histórico e político. Para tanto, realiza-se a partir das contribuições de Enzo Traverso a discussão teórica e historiográfica dos conceitos de revisionismo e

negacionismo histórico, noções essenciais para a compreensão do uso da história aqui implícito, e então se segue para a exposição das narrativas e da chave interpretativa do passado que informam a concepção de mundo, as ideologias e os valores promovidos pela produtora. Finalmente, abordamos o modo como o pensamento anticomunista aparece mobilizado a partir de diferentes enfoques e abordagens temáticas nos conteúdos da Brasil Paralelo. Em auxílio das narrativas e do discurso anticomunista da produtora, localizam-se operações de revisionismo e negacionismo histórico embasadas principalmente na tese do totalitarismo e na ideia de “anatemização da revolução”, como desenvolvida por Manuel Loff.

Acrescidas à teoria conspiratória do “marxismo cultural”, essas narrativas tratam de promover a reatualização e a generalização do ideário anticomunista para infinitos meandros, sujeitos e fenômenos políticos, culturais e sociais, traduzindo um quadro geral de hegemonia político-cultural neoliberal e conservadora contraposta a movimentos e ideias progressistas em geral. Trata-se de um trabalho que mobiliza o instrumental teórico-metodológico da chamada História Digital, se inscrevendo no campo da História do Tempo Presente – ou se quisermos ser mais precisos, no campo da História Imediata. O

corpo de fontes utilizado na pesquisa é encontrado nas principais produções audiovisuais da Brasil Paralelo além de artigos e de conteúdos extras disponibilizados em seu site e na sua plataforma de membros.

“Diga o que pensa”: cultura política, moral e linguagem nos movimentos de direita na plataforma Reddit.

Olga Christina Zunino

(Doutoranda UFRJ)

Esta pesquisa visa analisar, por meio da técnica de etnografia digital, como as articulações dos membros de uma comunidade de direita do subreddit produzem processos de exclusão e inclusão de seus membros por meio de sua atividade enquanto usuários. A partir desta pesquisa, pretende-se evidenciar a necessidade de incluir os conceitos de cultura, moral e linguagem no estudo de movimentos de direita, partindo do pressuposto de que as disputas políticas contemporâneas perpassam por uma disputa simbólica. Ademais, este empreendimento se integra a uma literatura dedicada a estudar o papel das plataformas digitais no processo subjetivo de produção identitária, apresentando a plataforma Reddit como uma possibilidade de estudo.

Essa pesquisa se tratar de uma etnografia digital no Reddit desenvolvida no subreddit de direita com mais de 200 mil membros do tempo de Fevereiro a Maio de 2023. Entende-se que, a flexibilidade das políticas de conteúdo, como a possibilidade do anonimato, tornam este contexto frutífero para que os pesquisadores possam observar discussões sobre tópicos sensíveis (PROFERES e GILBERT, 2021). Por exemplo, a possibilidade de produzir publicações com textos mais longos pelos usuários, permite um plano de fundo mais rico para analisar processos sociolinguísticos relacionados a minorias políticas (FARRELL et al, 2019). Estas condições proporcionam a oportunidade dos usuários de experimentarem uma miríade de identidades podendo circunscrever deliberadamente suas identidades offline para reduzir as consequências negativas das opiniões delicadas ali expressas, o que Ramos (2015) cunhou como o movimento da divergência identitária. A instantaneidade das plataformas provoca um contexto em que o acesso ao conteúdo é mediado por discussões morais específicas da cultura dos subreddits. Como há um embaçamento problemático entre o conteúdo opinativo e o informativo, o humor pode se inserir nessa dinâmica como um veículo de integração produtiva dos usuários.

O uso de uma linguagem, em especial a humorística, escrita e visual não é um fenômeno especificamente contemporâneo ou digital, mas foi reelaborado pela contemporaneidade e produz perspectivas de mundo e expectativas de performance específica. Isto é percebido

no vocabulário empregado no momento de produzir uma crítica (o uso da palavra “tankar” enquanto “aguentar” ou “suportar”) ou quando se refere a alguém como “based” (autêntica e alheia aos status quo). Se os agentes acessam o mundo social através dos signos, esses recursos imagéticos tem a importância de serem como ícones de sociabilidade com consequências políticas. Por fim, enquanto esse trabalho almejou discutir de forma introdutória questões políticas a partir de sua raiz simbólica, futuras discussões se beneficiarão do uso cruzado de outras comunidades e de outras plataformas para consolidar tais reflexões.

Mesa 2: Fascismo: pensamento e ideologia

Mediador: Alexandre Belmonte (UERJ)

Sala Evaristo – 15h-17h

Os fascistas que liam Eça de Queirós

Breno Góes

(Doutor PUC-RIO)

Este trabalho procura sintetizar e atualizar uma pesquisa acerca dos usos políticos da memória do escritor português Eça de Queirós promovidos em seu país natal pela ditadura fascista de António de Oliveira Salazar, durante o centenário de nascimento do romancista celebrado em 1945. De uma maneira geral, a pesquisa (desenvolvida ao longo de uma tese de doutorado defendida em 2022) buscou recuperar, catalogar e analisar as estratégias de divulgação, apropriação e apagamento levadas a cabo pela propaganda do regime salazarista durante a efeméride, bem como as tentativas empreendidas pelas diversas oposições portuguesas de ressignificar a memória queirosiana para além da captura fascista.

A fala aqui proposta parte de uma constatação a que se chegou após a consulta à documentação disponível sobre o tema: as celebrações estatais do centenário de Eça foram, em última análise, um fracasso em seus propósitos de transformar o autor naquilo que Luís Schiliró chamou de um “salazarista post mortem” (Schiliró, 2015, p. 1102), a despeito de extraordinários esforços empregados neste sentido ao longo de todo o ano de 1945 por um serviço de propaganda com aspirações totalitárias, segundo a definição de Fernando Rosas. A hipótese a ser testada na apresentação é a de que tal fracasso poderia se dever principalmente a certos procedimentos estéticos característicos da escrita queirosiana que nos permitem caracterizá-la não apenas como “ficcional”, no sentido dado a esse termo por Luiz Costa Lima em seu Controle do Imaginário, mas mais particularmente como uma ficção produzida para fundar em torno de si uma esfera pública capaz de engendrar pensamento. A acepção arendtiana de esfera pública retomada aqui é aquela

trabalhada pela autora em seu pequeno ensaio “Filosofia e política”. Em suma, a conclusão a que se espera chegar é a de que haveria qualquer coisa de irreduzível a uma captura pelo fascismo em uma literatura dotada das características citadas acima.

O Fascismo por Olavo de Carvalho: a banalização de um conceito histórico

Giovanna de Andrade Figueira

(Mestranda UFJF)

Esta pesquisa procura analisar criticamente a definição do Fascismo feita pelo polemista comunicador Olavo de Carvalho. Com um discurso que vem sendo alimentado desde o século passado, o autor de obras como “O Imbecil Coletivo” (1996) e “O Mínimo que Você Precisa Saber para não Ser um Idiota” (2013), afirma que a origem do Fascismo italiano —movimento que tem como uma de suas características o anticomunismo, como afirma Clara Zetkin em “Como nasce e morre o Fascismo” (2019) — ocorreu através da esquerda pois seus ideais almejavam a emancipação de classes ou países operários frente aos burgueses. Desta forma, pretende tirar o Fascismo da via da direita, apontando-o como uma terceira via radical, aglutinadora de práticas e ideais da esquerda e direita, mas com maior influência da esquerda.

Para legitimar suas falas encontradas em diversos canais de comunicação, desde coluna no site O Globo, em 2000, até o canal direitista Brasil Paralelo, em 2020, Olavo cita e distorce obras de historiadores especialistas no tema como Emilio Gentile, Zeev Sternhell e Anthony James Gregor. Ao semear correlações do Fascismo à esquerda, dando-lhe novas roupagens tal qual “Fascismo vermelho”, esvazia os debates sérios direcionados ao movimento e tem como frutos a manutenção e ascensão de grupos de extrema direita com práticas e discursos semelhantes aos da Itália de Mussolini no Brasil contemporâneo.

A “estetização” do conceito de revolução: uma análise da representação da Marcha sobre Roma no filme Camisas Negras.

Pedro Dideco Antunes Guettnauer

(Mestrando UFRJ)

Tendo em vista a utilização pela extrema direita contemporânea das novas mídias digitais para promover revisionismos históricos. Como por exemplo no caso brasileiro a substituição do “Golpe de 64” por “Revolução de 64”. Torna-se fundamental entender como os fascismos utilizaram os seus veículos de comunicação em massa para disseminar suas ideologias. Sendo assim, esse trabalho pretende estabelecer uma análise do filme *Camisas Negras* (1933).

O filme foi dirigido por Giavacchiono Formozo e foi lançado em um contexto de comemoração pelos 10 anos da Marcha sobre Roma. Podendo ser visto como uma tentativa de estabelecer uma narrativa oficial sobre a ascensão dos fascistas ao poder na Itália.

Esses elementos da narrativa oficial são corroborados pelo envolvimento direto do instituto L.U.C.E (L`Unione Cinematografica Educativa) na produção. Criado em 1925 tinha por objetivo a produção de cinejornais e documentários educativos, não produzindo filmes ficcionais, mas mesmo assim sendo um importante veículo propagandístico fascista. Suas “aventuras” no campo da ficção foram *Camisas Negras* e *Cipião, o africano*. Além da participação direta do instituto a visão de uma narrativa oficial também é reforçada pela confecção do roteiro pelo próprio Mussolini com o auxílio de seu filho.

Mas sobre a representação da Marcha sobre Roma no filme esse trabalho tem como foco principal a tentativa por parte do filme em transformar esse evento histórico em uma revolução. Mesmo não podendo ser classificado com tal, pelo fato que o regime não representou profundas mudanças estruturais na Itália, mantendo entre outras coisas o regime econômico. Essa tentativa fica evidenciada quando o próprio filme usa o termo revolução para classificar a Marcha sobre Roma

Assim sendo, para embasar essas reflexões utilizaremos os conceitos estabelecidos pelo autor alemão Walter Benjamin em seu livro *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Dentre seus conceitos utilizaremos a “estetização da política”.

A “estetização da política” seria a utilização dos aparelhos de comunicação de massa, para cultivar os “grandes líderes” e alienar as classes populares do debate político, com representações ilusórias, fazendo as massas se verem ainda que de maneira mínima representada nesses veículos, como o cinema. Esse processo faz com que as classes populares se alienem do debate político, perdendo sua consciência de classe e acabem apoiando o modo de produção capitalista e até o regime fascista.

Por fim, relacionando o conceito de Benjamin com a produção do filme podemos dizer que o filme opera uma “estetização” do conceito de revolução, o distorcendo. Fazendo com que as classes populares se afastem do conceito de Benjamin de revolução, que seria a tomada dos meios de produção pelo proletariado. E passem a entender o conceito de revolução

como a manutenção do modo de produção capitalista e do regime fascista. Com isso a superação do modo de produção capitalista fica mais distante.

Individualismo e tecnofobia? Sobre as bases filosóficas de Theodore Kaczynski

Pedro Mateo Bàez Kritski

(Mestre UFPR)

Theodore John Kaczynski (1942-2023) ficou amplamente conhecido na década de 1990 por ser o autor de atentados a bomba que, entre 1978 e 1995, resultaram em ferimentos em vinte e três pessoas e na morte de outras três nos Estados Unidos. Em 1995, o ano de sua captura, Kaczynski conseguiu forçar as autoridades do FBI a publicarem seu manifesto intitulado "Industrial Society and Its Future" no The Washington Post. Nesse texto, Kaczynski, utilizando o pseudônimo FC (Freedom Club), faz uma crítica abrangente e profunda da sociedade contemporânea e de suas bases, opondo-se diretamente à revolução industrial e à tecnologia em prol da liberdade e da natureza. O "Manifesto do Unabomber", como ficou conhecido, foi amplamente lido na época e continua exercendo influência até os dias de hoje, quase trinta anos depois. O conteúdo do manifesto de Kaczynski foi recentemente elogiado por figuras como Elon Musk (1971-), conhecido magnata americano com negócios em ramos envolvendo tecnologia de ponta, pelo comentarista conservador americano Tucker Carlson (1969 -), por Andrew Anglin (1984 -), um líder neonazista conhecido, supremacista branco, apoiador de Donald Trump e editor do site The Daily Stormer; além disso, suas edições mais recentes são apontadas, segundo um levantamento feito pelo jornal The Guardian, como o livro mais vendido na categoria de pensamento político radical no site da Amazon. A mesma matéria do jornal também destaca a preocupação do escritor conservador Sohrab Ahmari sobre o crescimento do que ele descreve como sendo uma "direita Unabomber". Já preso, os escritos de Kaczynski contra a tecnologia inspiraram ações ecoterroristas em 2011, como a do grupo "ITS Individualistas Tendiendo a lo Salvaje", surgido no México e com atuações na Argentina, no Chile e, embora não confirmado, possivelmente no Brasil. Diante desse panorama, esta pesquisa propõe uma análise estrutural de dois conceitos fundamentais presentes no manifesto publicado por Kaczynski em 1995: os conceitos de "coletividade" e de "natureza" e as suas relações com outros conceitos centrais. O objetivo é analisar a base epistêmica e cultural de Kaczynski que sustenta, aparentemente, uma teoria que enfatiza o individualismo e a tecnofobia. A partir disso, poderíamos então compreender como o pensamento de Kaczynski, em sua fase inicial, se relacionaria com os conceitos do anarcoprimitivismo, do neoluddismo e com a extrema direita ocidental contemporânea.

Mesa 3: Violência, educação e ideologia de extrema direita

Mediadora: Julia Polessa Maçaira (UFRJ)

Sala Evaristo – 17h-19h

Massacres escolares como violência política? Relações entre os ataques a escolas e a ascensão da ultradireita

Daniilo Marques Lobo Godinho Delgado

(Graduado UFJF)

Os massacres ocorridos em escolas, que vitimaram e seguem vitimando fatalmente centenas de alunos, professores e funcionários, globalmente e no Brasil, desde a década de 1990 são parte do mosaico da violência do mundo criado após o colapso da União Soviética e, mais especificamente, das ações violentas de reação de direita ao consenso (neo)liberal que emerge nesse contexto. Dessa forma, é possível dizer que os ataques às escolas, quase sempre praticados por jovens do sexo masculino, tem relações ideológicas e formativas com outro fenômeno característico do tempo presente: a ascensão de movimentos e governos de direita radical e extrema direita, também globalmente e no Brasil. Os pontos de contato e distanciamento entre esses processos históricos são múltiplos e requerem uma vasta gama de conceitos e métodos para serem compreendidos no âmbito das Ciências Humanas e, sobretudo, da História. As análises referentes a essas relações, portanto, passam por alguns fatores fundamentais: as características conceituais da violência política da extrema direita em comparação com as chacinas escolares; as congruências no processo formativo dos atores políticos e militantes de extrema direita em relação com os praticantes dos massacres, sobretudo a partir da popularização da internet e de redes sociais; o papel da ascensão da Direita Radical na disseminação da violência contra determinados grupos; o caráter transnacional de ambos os fenômenos, separadamente, e os contextos nacionais em que ascendem a ultradireita e se proliferam os massacres. Nesse vasto contexto, é possível posicionar os massacres escolares e a ascensão da extrema direita dentro de um fenômeno de reação a direitos conquistados, especialmente por mulheres e minorias. Os espaços virtuais de circulação das ideias extremistas de direita são pontos de incentivo e idealização de formas de violência que fazem parte dessa reação, como os massacres escolares. Ainda, o fenômeno dos ataques a escolas se relaciona intimamente com outras formas de violência que fazem parte do cenário de luta extrema pela preservação de uma cultura representada por um ideal anti-iluminista, etnocêntrico e de manutenção dos papéis “tradicionais” de gênero. De tal modo, o objetivo do presente trabalho é relacionar a ascensão da ultradireita aos massacres

escolares, orbitando em torno de três eixos: as convergências ideológicas entre os perpetradores dos ataques com a extrema direita contemporânea sobretudo a partir da ótica do “masculinismo” compartilhado entre esses grupos; o uso de espaços digitais semelhantes para a proliferação das ideias extremistas de direita e para incentivo e organização dos ataques e, por fim, o debate acerca do posicionamento conceitual dos massacres diante de outras formas de violência cometidas por agentes de extrema direita, sobretudo a partir dos conceitos de violência política, terrorismo e crime de ódio.

Desmembramentos do Escola sem partido: projetos políticos conservadores e a tentativa de ampliar a base da extrema direita.

Douglas Gomes de Almeida

(Mestrando UFJF)

Mesmo o projeto escola sem partido não sendo aprovado na grande parte das câmaras legislativas do país, as bancadas da direita e extrema direita tentam desmembrar o mesmo se adiantar com propostas de projetos de lei conservadoras. Esta apresentação visa discorrer sobre estes acontecimentos, que se seguem de uma série de articulações políticas e ideológicas com intuito de angariar seguidores e ampliar a base de eleitores e simpatizantes para a extrema direita. Esta prática não é uma característica única, e muito menos do atual contexto histórico. Uma das características da extrema direita ao longo dos anos foi se valer do uso da educação como ferramenta de controle. A partir da análise de propostas de projetos de lei, matérias jornalísticas, atas de reuniões de organizações da sociedade civil, como sindicatos de trabalhadores da educação, este visa compreender não somente as articulações políticas da direita, mas também analisar sobre as resistências de representações que combatem estes mesmos projetos.

Esta apresentação pretende analisar as condutas e articulações de políticos da direita e extrema direita, que se denominam “nova direita”, através da apresentação de uma série de projetos de Lei com viés conservador. A maioria destes projetos são desmembramentos do projeto escola sem partido, que vem sendo vencido nas maiorias das cidades e estados. O objetivo principal deste estudo é compreender como essas articulações e propostas de leis conservadoras desmembradas do escola sem partido, têm na verdade o intuito de angariar seguidores e ampliar a base da extrema direita.

Após sofrer seguidas derrotas em diversas câmaras legislativas do país, vários políticos de direita e extrema direita se revezam em apresentar projetos que são nada menos que desmembramentos do projeto inicial do escola sem partido, e com esses

desmembramentos em questões pontuais, acabaram por conseguirem aprovar vários destes projetos pelo país.

Somente para citar alguns exemplos destes desdobramentos que foram apresentados em diversas câmaras legislativas estaduais e municipais a partir de 2017, destacaremos o projeto que proíbe nas escolas qualquer tipo de matéria ou disciplina que ministre aulas de orientação sexual, proibir o uso de qualquer linguagem nas escolas que não seja a norma culta do português. Outro projeto de lei desmembrado do escola sem partido, o que proíbe o uso de linguagem neutra nas escolas, e também projeto de lei que proíbe a adoção de banheiros unissex, ou banheiros neutros, em escolas, repartições, comércio ou quaisquer outros tipos de estabelecimento. Todos projetos que se alinham diretamente ao escola sem partido, e parte de um posicionamento conservador ideológico da extrema direita em todos os aspectos.

Educação e conflitos religiosos nas aulas de História em instituições públicas de ensino do Rio de Janeiro

Samuel Barbosa Junior

(Mestrando UFRJ)

Esta comunicação tem por objetivo apresentar meu projeto de pesquisa para o mestrado, este situado no campo de problemas educacionais e reflexões sobre as relações entre religião, ensino de História e o Estado brasileiro.

Nosso recorte espaço-temporal está delimitado no tempo presente de alunos e professores de colégios públicos do Rio de Janeiro. Ou seja, propomos como campo de investigação as aulas de História do Colégio de Aplicação da UFRJ e de instituições localizadas em áreas periféricas da região metropolitana Fluminense, onde acreditamos ser possível conversar com alunos e professores, analisar as questões levantadas, criticar os dados obtidos a partir da bibliografia para, enfim, alcançar os objetivos estabelecidos.

Dessa forma, objetiva-se elencar e analisar discussões históricas, políticas e religiosas, circunscrevendo a origem ideológica dos grupos que compõem os espaços públicos educacionais. Realçando visões de classe, gênero e etnia, compreende-se que a falta da localização desses lugares epistêmicos afeta a qualidade de teorias e metodologias que visam o debate crítico das questões religiosas, produzindo e reproduzindo preconceitos, intolerâncias e racismo nas escolas.

Por sua vez, a falta de tais teorias e metodologias críticas também incidem na qualidade da formação de professores e suas práticas educacionais. Sendo assim, objetiva-se compreender como as consequências do embate entre orientações religiosas atingem diretamente a prática docente e a formação de professores.

Partindo dessas orientações, estruturamos essa proposta de pesquisa para analisar, através dos referenciais da teoria da sociologia do conhecimento e da teoria educacional freireana, bem como de métodos investigativos de narrativas orais e da pesquisa qualitativa em educação, como, no âmbito educacional, as diferentes visões religiosas entram em debate através dos conteúdos da disciplina História, gerando ou não preconceitos, intolerâncias e racismo entre os grupos envolvidos.

Portanto, através dessas e outras análises, nas quais buscaremos desenvolver debates acerca da história dos conceitos intolerância religiosa e racismo religioso, da história da presença das religiosidades na educação, e sobre os possíveis acirramentos das disputas religiosas e suas consequências para a educação a partir da ideologia política radicalmente cristã bolsonarista, fortemente difundida nos últimos anos pela agenda da extrema direita, espera-se por meio dessa pesquisa contribuir com o debate político e social de programas e ações educacionais na área de História, problematizando as possibilidades de uma educação que mitigue os conflitos religiosos na escola.

Ultraviolência política e terrorismo digital

Leandro Nogueira

(Graduando UFRJ)

"Eu nunca tinha ouvido falar no Discord até o final de 2020. Foi quando constatei que algumas das ameaças por telefone que estava recebendo partiam de adolescentes de 13, 14 anos, não de adultos. Era uma nova geração de misóginos querendo ser aceita pela velha guarda através de ataques a uma inimiga em comum", escreveu a pesquisadora Lola Aronovich, conhecida vítima do extremismo digital, em seu blog "Escreva Lola Escreva", em 2 de maio de 2023. Seu comentário revela a surpresa da antiga geração de pesquisadores do tema com a ascensão de uma nova juventude de extremistas, que, na primeira metade de 2023, revelou a que nível de violência suas mentes são capazes de chegar mesmo em tão jovem idade, através da série de atos terroristas perpetrados através da internet ou até com os lamentáveis massacres nas escolas do país. A tragédia, além de terem dado foco para uma cultura de violência normalizada há tempos entre membros da Geração Z nos meios digitais, serviu para mostrar como a sociedade brasileira -- principalmente o meio educacional, o meio político e a mídia tradicional -- ainda não conseguiram aprender as lições que deveria ter aprendido com Realengo (2011) e Suzano (2019) sobre a urgência do debate do extremismo político como uma questão mortal de saúde mental pública entre a juventude que ocupa o meio digital. Ao contrário do que ainda parecemos entender, não se tratam mais de casos excepcionais como a estadunidense tragédia de Columbine (1999),

que tem consequências a partir do ato em si e causas individuais, mas sim de fenômenos sociais de "terrorismo estocástico", com popularidade em um público previamente existente e com organizações cujas influências ecoam nos costumes da juventude como um todo, muito além dos nichos de sadismo dos antissociais da dark web. Identificar quais são estas influências, como elas conseguem passar despercebidas pelo senso comum, onde costumam crescer e por que existe uma abertura para seu crescimento como tendência entre jovens são parte da estratégia para compreender o problema. Para isso, mobilizo o conceito da "ultraviolência política" e seus impactos no "humor pós-irônico" da juventude, apresentando uma análise criada a partir não de consensos acadêmicos vigentes, mas pela coleta de informações fornecidas pela voz da mesma juventude autodestrutiva posta em questão.

26/10 – Quinta-feira

Mesa 4: Antissemitismo e anticomunismo no Brasil

Mediador: Victor Leandro Gomes (UFF)

Sala Evaristo – 10h-12h

Deus, Pátria e Família: Reflexões sobre anticomunismo e extrema direita no Brasil

Inghrid da Costa Masullo Mendes

(Mestranda UFRJ)

Nesta comunicação pretende-se tecer breves reflexões sobre anticomunismo e seus usos pela extrema direita brasileira. Para tanto, intende-se pensar o contexto de efervescência política da década de 30, levando em consideração a influência fascista e a instrumentalização de discursos e representações anticomunistas em meio a disputas de diferentes projetos políticos para a sociedade, resultando no golpe do Estado Novo, e relacionar, dentro das continuidades e descontinuidades características de diferentes momentos históricos, com as características da instrumentalização do anticomunismo por parte da extrema direita em seu processo de ascensão nos últimos anos, tendo como principal ponto de referência o bolsonarismo. As questões que provocam esse exercício reflexivo partem tanto dos debates estabelecidos recentemente a respeito da ascensão da extrema direita no Brasil nos últimos anos, quanto de uma percepção histórica da presença de representações e sentimentos anticomunistas ao longo da trajetória política e social brasileira, amplamente utilizados pelos setores ditos conservadores seja para estabelecer um alvo, um inimigo a ser combatido, justificar intervenções autoritárias, ou até mesmo para

sintetizar uma negação de tudo o que poderia ferir os princípios do que é entendido como o tradicional, patriótico e moral por este grupos de pessoas que se dizem anticomunistas ou que acusam as quimeras que projetam de um “outro”- no sentido de avesso a si - de comunistas. Propõe-se então, levantar alguns apontamentos sobre aspectos similares nos dois contextos citados, pensado a relação entre anticomunismo, disposições totalitárias, influências fascistas e extrema direita, a fim de estimular reflexões a respeito da construção de uma tradição ou de um imaginário anticomunista na sociedade brasileira, composto por um conjunto de representações que convergem com outras matrizes discursivas - Deus, Pátria, Família, etc... – servindo de sustentáculo para a produção e assimilação de uma gramática moral da extrema direita que além de projetar uma visão de mundo a partir do ponto de vista de seus adeptos, também “[...] reivindica que o mundo seja transformado de acordo com essa visão.” (NUNES, 2022. P. 32).

Por onde andou o antissemitismo: da Era Vargas à Ditadura Militar

Júlia Amaral

(Doutoranda UFRJ)

Na historiografia sobre o Antissemitismo no Brasil, ampla é a bibliografia que se dedica ao período compreendido como Era Vargas. Tempo de crescimento da Ação Integralista Brasileira, influência fascista e discursos nacionalistas, o período foi marcado por publicações antissemitas, circulação de discursos preconceituosos, e até mesmo circulares secretas que orientavam a restrição de imigrantes judeus, considerados “indesejáveis”, como se descobriria mais tarde. Apesar disso, outros pesquisadores apontaram para o grande crescimento das comunidades judaicas e suas instituições no país a despeito do discurso antissemita oficial e circulante. Em movimento oposto, a produção de investigações sobre o antissemitismo no período da Ditadura Militar são quase inexistentes. Esta comunicação pretende apontar para recentes discussões que nos permitem nos debruçar sobre o antissemitismo neste recorte temporal, traçando paralelos com período anterior, quando possível, e levantando alguns questionamentos e desafios sobre a pesquisa de doutorado em estágio inicial que embasa tais apontamentos.

A ameaça judaico-comunista: propaganda antissemita na imprensa integralista

Ana Júlia Corrêa Ferreira

(Mestranda UFJF)

O objetivo deste trabalho é refletir acerca da presença antissemita na imprensa integralista, visando delimitar de forma mais precisa seus contornos políticos na Ação Integralista Brasileira (AIB), isto é, a função doutrinária que ocupou e sua relação com os objetivos estratégicos da AIB, bem como as tensões internas ao redor do tema. Especialmente no ano de 1935, a tese da conspiração judaica internacional esteve presente de forma considerável em diferentes periódicos integralistas, sendo um elemento importante na propaganda nacionalista e, sobretudo, anticomunista. Não a toa, a campanha antissemita intensificou-se na imprensa em meados do Levate Comunista, em novembro de 1935. Em A Offensiva, o principal jornal do movimento, durante cerca de um ano, foi publicada uma coluna, intitulada Judaísmo Internacional, destinada exclusivamente à campanha antijudaica, assinada por Gustavo Barroso, principal expoente do antissemitismo na Brasil à época. Além dele, outros intelectuais relevantes para o movimento, como Anor Butler Maciel, chefe da seção gaúcha da AIB, e Madeira de Freitas, diretor de A Offensiva, escreveram textos antissemitas, seja na imprensa seja em formato de livro. Até mesmo o Chefe Nacional, Plínio Salgado, e o Chefe da Secretaria de Doutrina, Miguel Reale, fizeram uso do vocabulário antissemita nos seus textos de ampla circulação. Do ponto de vista dos militantes, alguns indícios demonstram uma grande penetração da lógica antissemita: as entrevistas realizadas por Hélió Trindade com antigos militantes e dirigentes integralistas revelam que mais de 70% dos entrevistados concordam muito com a frase "O espírito judeu é uma ameaça constante a civilização cristã". Nesse sentido, ancorado na metodologia da história conceitual do político, este trabalho pretende compreender o antissemitismo integralista a partir de um ponto de vista materialista, isto é, seu papel na propaganda da AIB, a relação deste discurso com o contexto social brasileiro da época, bem como fazer algumas considerações iniciais sobre a recepção dessas ideias pelo público militante.

Mesa 5: Integralismo e conservadorismo no Brasil

Mediador: Mediador: Ricardo de Castro (UFRJ)

Sala 227 – 10h-12h

Formas, contornos e sensações: a manipulação estética desempenhada pela Ação Integralista Brasileira

Larissa Frazão Silva

(Mestranda UFJF)

A onda fascista emergida no período do entre guerras logrou diversas expressões políticas inspiradas nesse modelo ao redor do mundo. Frente à crise do sistema-liberal ocorrido, diversos movimentos e regimes autoritários, guiados pelo modelo fascista europeu,

fundamentaram-se em doutrinas cristãs, nacionalistas, antiliberais, antidemocrática, anticomunistas e conservadoras, como também empreenderam manipulações estéticas em prol do fazer política. Ao se apresentarem como uma terceira opção revolucionária entre o liberalismo e o marxismo, o fascismo oferecia sua própria visão do mundo e criava uma nova cultura política. Havendo como alicerce a estetização da vida política segundo um ethos comum, essas manifestações superdimensionaram o potencial de instrumentalização da vida em prol de um paradigma político. Diante de um processo de apropriação e reinvenção, utilizando a experiência europeia como referência e não como um protótipo, surge no Brasil em 1932, liderada por Plínio Salgado, a Ação Integralista Brasileira (AIB). Enquanto movimento fascista de maior sucesso na América Latina, bem como a maior expressão do fascismo fora da Europa, a AIB fomentou seu próprio conjunto estético, empreendido a partir de aspectos originais ao contexto brasileiro. Ao manipularem símbolos, ritos e outras expressões, transferiam a atividade e a operação da política para um campo simbólico das representações, buscando sensibilizar as massas e criar uma coerência ao seu projeto político através de hábitos, devoções, sentimentos e afetos. Portanto, o conjunto estético integralista foi instrumentalizado como vetor de sua doutrina e ferramenta de coesão a sua ideologia política. Por isso, seguindo o conceito de cultura política de Serge Bernstein, objetiva-se compreender como a AIB instrumentalizou a estética no âmbito de sua cultura política. Aliado a isso, partindo de concepções teóricas acerca do fenômeno do fascismo e sua relação com a estética, e baseando-se em documentos que estruturam o conjunto estético integralista, considera-se que essas expressões atuaram como uma forma auxiliar de conceber unidade e sentido ao movimento, gerando força interna e externa ao seu projeto de renovação cultural, social e político, além de arregimentar e propagar o ideal da “Revolução Integral”.

Traumas Velados, Memórias em Ebulição: Documentários em Disputa no Caso Rocha Miranda

Letícia Martins da Cruz

(Mestranda UFJF)

Introdução: Esta pesquisa aborda o intrigante caso de memória em disputa na Família Rocha Miranda, com foco na relação entre trauma, extrema direita e construção da memória. Dois eventos relacionados a família serão abordados na presente pesquisa: A cassação da Panair do Brasil durante a Ditadura, onde cinco mil pessoas ficaram desempregadas, e o caso em que cinquenta crianças pretas foram forçadas a trabalhar em fazendas do núcleo nazifascista da família no interior de São Paulo entre 1933 e 1945. Ambos os eventos se

tornaram documentários, sendo eles: "Panair do Brasil: Uma história de glamour e conspiração" e "Menino 23: infâncias perdidas no Brasil".

Objetivo: Analisar a construção e disputa da memória da cassação da Panair do Brasil durante a Ditadura Militar, além de investigar o apagamento de eventos traumáticos durante a Segunda Guerra Mundial. Compreender o papel do cinema-documentário, como agente na construção da memória coletiva e sua relação com o trauma de dois núcleos de vítimas ligados a dois momentos de ascensão da extrema direita no Brasil: O integralismo, latente na década de 30 e 40 e o início da Ditadura Militar.

Referencial teórico: O trabalho fundamenta-se nas teorias de memória subterrânea, trauma e esquecimento propostas por Michael Pollak e Paul Ricoeur. Além disso, serão utilizadas as teorias de representação, documentário de memória e memória cultural de Roger Chartier, Guy Gaunthier e Aleida Assmann, respectivamente.

Metodologia: A pesquisa utiliza uma abordagem qualitativa, com análise bibliográfica e fílmica como principais ferramentas. Os objetos de pesquisa são os documentários "Panair do Brasil" e "Menino 23", analisados comparativamente para compreender o processo de memória em disputa, bem como o impacto causado pelos documentários em seus lançamentos, através de críticas de cinema e presentes em jornais impressos e online.

Resultados: Os resultados parciais revelam que a memória da cassação da Panair do Brasil, apesar de ser cronologicamente mais recente, vem, progressivamente perdendo força, em comparação aos eventos apresentados em Menino 23, sobretudo por conta da estrutura narrativa deste documentário e suas especificidades estilísticas. Os documentários analisados, demonstram o poder do cinema na construção e disputa da memória coletiva.

Conclusão: A busca destacar a importância de compreender a construção da memória em contextos de trauma, influência da extrema direita e seu impacto na identidade social dos grupos envolvidos. O cinema emerge como um agente histórico da memória coletiva, e sua análise final trará novas perspectivas sobre o uso da memória e o papel do público nessa conjuntura. Além disso, esta pesquisa pretende responder as seguintes perguntas: a disputa de memórias ocorre somente entre vencidos e vencedores? Em que medida o cinema documentário e suas contradições, pode levar dois grupos de vítimas a um embate que permeia o esquecimento?

“Lar, juventude, fé e moral: missões da mulher moderna”: O catolicismo sul mineiro em nome da moral e dos bons costumes católicos (1947 - 1961).

Caroline Lopes Oliveira

(Mestranda UFJF)

A proposta da presente comunicação é apresentar os resultados parciais de uma pesquisa de mestrado cujo principal objetivo é compreender qual foi o papel da Igreja Católica, no Sul de Minas Gerais, na atribuição de um lugar social à mulher entre os anos de 1947 a 1961. Para tanto, esta pesquisa utiliza como principal fonte o jornal católico Voz Diocesana.

Fundado em 1947 pela diocese de Campanha, o jornal Voz Diocesana no contexto analisado alcança 49 municípios. O discurso construído pela diocese na fundação do jornal está relacionado a um suposto propósito de informar aos fiéis a agenda da instituição, mas ao analisar o jornal notamos colunas de temáticas como comunismo, reforma agrária, moral e “bons costumes” das mulheres, entre outros.

Não é novidade que a Igreja Católica reserva lugares sociais às mulheres, a temática remonta uma longa tradição judaico-cristã. O próprio discurso bíblico nos elucidava sobre a questão, que representa Eva como a pecadora original, e Maria, a virtuosa e virgem, o exemplo a ser seguido (LEMOS, 2013).

A historiografia tem avançado nas investigações nesse sentido, ainda assim, há uma certa tendência de utilização de fontes que se restringem ao eixo Rio-São Paulo. Além disso, algumas questões chamam atenção para o jornal Voz Diocesana no recorte analisado, tanto para seus discursos inflamados, quanto para questões editoriais.

“LAR, JUVENTUDE, FÉ E MORAL: missões da mulher moderna”. Esta é uma das manchetes do jornal no ano de 1949. O editorial continua: “a melhor contribuição da mulher a uma sociedade cristã reside no cultivo de um lar virtuoso, na educação de uma juventude sã, na conservação da fé e na preservação dos bons costumes em face das exigências do materialismo”.

Destacamos a oposição estratégica do discurso do jornal, que polariza locuções que estruturam um projeto de sociedade pautado no gênero: de um lado o discurso em prol do resgate da moral e dos bons costumes, e de outro, um discurso condenatório de algumas práticas.

Buscamos compreender as estratégias da diocese ao tentar mobilizar mulheres e de que forma as mesmas são “representadas” (CHARTIER, 2002) pelo jornal. Para isto, utilizamos como metodologia a análise do discurso e a semiótica, tendo como principais teóricos, respectivamente, Michel De Certeau (1998) e Roland Barthes (2006).

Mesa 6 – Violência, memória e resistência

Mediador: Ricardo Mendes (UERJ)

Sala Evaristo – 13h-15h

Primo Levi e seus submersos: palavra possível e vazios na elaboração do trauma da Shoá

Lucas Hinterhoff-Ri

(Mestrando UERJ)

A Shoá ocupa lugar de destaque entre os traumas coletivos da Humanidade. Sendo o maior genocídio do século XX, teve como alvo principal os judeus, os quais aproximadamente seis milhões foram mortos. Sobrevivente de Auschwitz, Primo Levi se tornou um dos principais nomes da literatura de testemunho do genocídio. Através de vasta produção, o autor buscou relatar sua vivência no Lager, assim como lidar com a perspectiva da impossibilidade do relato integral da experiência concentracionária. Por meio da análise das obras de Primo Levi e de revisão de literatura acadêmica, em diálogo com referenciais da Psicanálise, o presente trabalho discute as tentativas de Primo Levi de elaboração do evento traumático, confrontadas com o caráter indizível da experiência. Trata-se, por fim, de refletir o testemunho enquanto relação de compromisso da palavra com aquilo que está para além da possibilidade de representação. Nesta perspectiva, os submersos, os muçulmanos (gíria dos campos de concentração referente àqueles que não puderam sobreviver) do relato de Primo Levi indicam o próprio real traumático (inacessível) do autor.

Psique judaico-alemã: judeidades e nacionalismos.

Rafaella Franco Binatto

(Doutoranda UFRJ)

Nossa aposta nessa comunicação é abordar em conjunto alguns textos do filósofo franco-magrebino Jacques Derrida, a saber, *De l'esprit. Heidegger et la question* e *Interpretations at war, Kant, le Juif, l'Allemand*. Ao trazer à cena esses textos pretendemos abordar a discussão acerca da relação/jogo entre identidade (psique), língua, nacionalismos e herança a partir do pensamento de Jacques Derrida, um judeu-magrebe.

Jacques Derrida frequentemente evoca seu judaísmo explicitamente em inúmeros momentos em toda a sua obra, perpassando das “judeidade” ao “ser judeu-magrebe” e o de ser atravessado pela língua do outro. A partir dos 13 anos, em 1943, ainda na Argélia, forçado pelo regime de Vichy a abandonar a escola pública, matriculado pelos pais numa escola judaica. Um primeiro passo para um modo inédito de pertença (sem pertença) a um judaísmo (sem judaísmo), uma judeidade indefinível, com a qual passaria a vida a explicar-se ou poderíamos dizer: a circuncessar-se? O que é ser judeu? Nenhuma definição positiva de ser judeu será encontrada em Derrida, ele faz a observação: "Eu nasci judeu", "sou circuncidado" ou ser Judeu é Dizer-se judeu é constatar uma lógica paradoxal onde o singular beira o universal, onde a exemplaridade beira a não identidade consigo mesmo, onde uma proximidade irrefutável, inegável, beira a incerteza infinita. Tudo o que a envolve já estava lá antes mesmo de nascer, jogado fora de si com esta ferida, marcada na pele: “circuncessa”, como faz em tom autobiográfico. Tanto na análise do Discurso de Reitorado de Heidegger em 1933 em *Do Espírito* iniciando a Conferência Proferida em Jerusalém com a epígrafe: *Falarei das cinzas e das chamas*; quanto em Kant, o judeu, o Alemão, ao analisar um texto de Hermann Cohen que aproxima o judaísmo do germanismo, Derrida observa que, ao interpretar a fórmula da sarça ardente, *Ehieh acher ehieh*, a partir da razão, o judaísmo se reduz a uma simples variante do logocentrismo universal. Tal “interpretação” pode ser sustentada, depois de Spinoza, até mesmo de Kant. Mas não pode explicar o excesso de antissemitismo. Há algo mais, uma coisa indefinível, aporética. Essa coisa, como a aporia, deve ser suportada. Deve - incondicionalmente. Jacques Derrida falou pouco direta e explicitamente sobre o Holocausto/shoa. Em entrevista a Michal Ben-Naftali, em Jerusalém, nas dependências do Yad Vashem, ele explica que essa questão nunca deixou de incomodá-lo. Temas como o perdão, a hospitalidade, a data, a assinatura, o arquivo, a espectralidade, a sobrevivência, Heidegger e o espírito, Nietzsche e, finalmente, a própria desconstrução. Frontal ou obliquamente, há uma referência a este acontecimento indelével em toda a sua obra. Ele admite, reconhece nesta entrevista: a Shoah ocupa um lugar especial em seu compromisso, um lugar singular, único. O que está em jogo nesta questão, que diz respeito ao discurso, às línguas, às heranças, não é da ordem do entendimento ou da teoria, mas do compromisso.

A resistência religiosa judaica durante o Holocausto

Lorena Illipronte Niwa

(Mestranda Universidade de Edimburgo)

O presente trabalho aborda a definição de uma faceta do imaginário coletivo relacionada à resistência religiosa praticada especificamente por judeus sobreviventes do Holocausto promovido pela Alemanha Nazista durante o Terceiro Reich. Os sobreviventes que constituem o foco deste estudo foram selecionados como fontes a partir dos testemunhos gravados em vídeo de oito indivíduos, divididos em dois grupos para fins desta pesquisa.

O primeiro grupo consiste em quatro sobreviventes que mantiveram suas práticas religiosas nos guetos durante o Holocausto, enquanto o segundo grupo também é composto por quatro sobreviventes, estes oriundos de campos de concentração, campos de trabalho ou campos de extermínio. Esses depoimentos foram selecionados a partir do acervo digital online do Instituto USC Shoah Foundation de História Visual e Educação. Eles resultam de entrevistas gravadas em vídeo realizadas entre os anos de 1994 e 1999 pela instituição mencionada e seus colaboradores. Posteriormente, esses depoimentos foram digitalizados e disponibilizados em um acervo online.

Por meio da metodologia da história oral, adequada para analisar os testemunhos selecionados como fontes, foram elaboradas tabelas contendo informações essenciais sobre cada um dos sobreviventes escolhidos. Além disso, para cada depoimento, foi realizada uma breve análise da parte do conteúdo relevante para os propósitos deste trabalho. Essa análise busca estabelecer conexões entre o conteúdo dos depoimentos e enfoca principalmente o período de 1939 a 1945, que representa a fase de sistematização dos mecanismos do Holocausto.

Os resultados desta pesquisa possibilitaram a identificação de elementos comuns nos depoimentos relacionados à autoimagem dos sobreviventes em relação aos eventos que vivenciaram dentro do período abordado pela pesquisa. Isso contribuiu para esclarecer uma faceta do imaginário coletivo compartilhada por esses sobreviventes no que diz respeito à resistência religiosa.

A Desnazificação na Alemanha do Pós-Guerra: entre a memória e o esquecimento (1945-1955).

Rafael Haddad Cury Pinto

(Doutorando UFF)

Ainda no período do imediato Pós-Guerra (1945), para alcançar seus intentos, as autoridades Aliadas promoveram um processo que ficou conhecido como Desnazificação, buscando de maneira geral alijar da Alemanha quaisquer traços do Terceiro Reich, transformando as reminiscências e referências ao regime Nacional-Socialista em uma “herança maldita”. Durante nossa análise abordaremos, do ponto de vista bibliográfico, como a Desnazificação foi colocada em prática nas Zonas Administrativas Aliadas, e quais foram suas influências nos processos de rememoração e esquecimento dos tecidos sociais alemães acerca da Segunda Guerra Mundial, nos anos posteriores ao seu término. Realizaremos, através de referenciais teóricos como os preconizados por Frederick Taylor, Richard Evans, Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Paul Ricoeur, conexões sobre os processos de Desnazificação da sociedade e das instituições alemãs, que foram conduzidos pelos Aliados de formas distintas em cada Zona de Ocupação, mas tendo o mesmo objetivo: extirpar da Alemanha o nazismo, criminalizando-o e o definindo como um dos principais causadores da Segunda Guerra Mundial, e das mazelas nela incluídas como o Holocausto, por exemplo. Os processos de Desnazificação possuíram diferenças entre si, e não foram raras as ocasiões em que acabaram tendo a inclusão de componentes peculiares com objetivos depreciativos com relação à ideologias adversárias. Diante desse complexo cenário, teremos como fios condutores conceitos que convivem de maneira próxima, apesar de suas definições por vezes conflitantes: a memória e o esquecimento.

Mesa 7 – Fascismo na atualidade: problemas conceituais

Mediadora: Tatiana Silva Poggi De Figueiredo (UFF)

Sala Evaristo – 15h-17h

(Re)pensando classificações: O alcance das categorias analíticas europeia na ultradireita brasileira.

Marco Antônio Campos e Souza

(Mestrando UFJF)

O mais recente processo de crise dos sistemas democráticos, em diversos países, abalou a estabilidade que, supostamente, havia se instalado no mundo ocidental desde o último quarto do século XX. Um dos pontos particulares dessa crise é a intensificação de grupos políticos oriundos do campo da direita radical, com discursos contrários aos efeitos da globalização, o que garantiu relativo sucesso eleitoral em diversos sistemas. Embora o fenômeno do avanço eleitoral das direitas radicais tenha características globais, é necessário observar as particularidades desses objetos. A partir desse contexto, a pesquisa

apresentada tem como objetivo realizar um estudo comparado acerca da ascensão das direitas radicais ao centro das arenas políticas de seus países, através da análise das campanhas eleitorais de Jair Bolsonaro (Brasil, 2018) e Marine Le Pen (França, 2017). O uso da metodologia comparada, assim como da História Digital a partir de fontes digitais, amparado no conceito de mitos e mitologias políticas, permitirá o mapeamento das especificidades de cada fenômeno, levando em consideração seus contornos regionais, bem como demonstrar as influências de expressões globais das direitas radicais.

Fascismo hodierno

Fernando Sarti Ferreira

(Doutor USP)

Comunidade de concretude em tempos de pós-fascismo

Gabriel Mizrahi

(Doutorando PUC-RIO)

A criação de uma política externa da extrema direita brasileira baseada uma nova gramática de memória nacional e no conspiracionismo. O que chamo, em minha pesquisa, de comunidade de concretude.

Historiografia da Extrema Direita: um olhar a partir do Laboratório de História Política e Social

Larissa Frazão Silva

(Mestranda UFJF)

Ana Júlia Corrêa Ferreira

(Mestranda UFJF)

Na última década, houve uma significativa proliferação das pesquisas sobre a extrema direita e os fascismos na historiografia brasileira, sobretudo em virtude da ascensão da nova direita a partir de meados de 2013 e a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018. Neste contexto, destaca-se a produção do Laboratório de História Política e Social, associado ao

Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (LAHPS-UFJF), contribuindo consideravelmente para a expansão das pesquisas sobre as direitas a nível internacional. Consolidado em 2007, pelos professores Cláudia Viscardi, Valéria Lobo e Ignacio Godinho Delgado, a intenção do Laboratório era servir de apoio aos trabalhos no campo da História Política Renovada, em diálogo com as disciplinas de Economia e Ciência Política, partindo de referenciais como René Rémond e Serge Berstein. Originalmente, o conservadorismo, e os intelectuais de direita eram objetos de pesquisas pontuais entre os trabalhos associados ao LAHPS; contudo, a partir de 2013, com o ingresso do Prof. Dr. Leandro Pereira Gonçalves, referência nas pesquisas sobre integralismo, ao Departamento de História, a produção acerca destas temáticas ganhou um novo fôlego, trazendo problemáticas e questões inéditas para o conjunto dos professores associados ao Laboratório. Em 2019, a chegada do Prof. Dr. Odilon Caldeira Neto ao Departamento ampliou ainda mais o panorama desta investigação, agregando problemas relativos ao neofascismo, neointegralismo e a atuação da extrema direita no tempo presente. As iniciativas de ambos os professores na organização de grupos de estudos popularizou estes temas entre os discentes da graduação e pós-graduação: tanto Gonçalves, como Caldeira destacam-se pela orientação de pesquisas em áreas relacionadas desde a iniciação até o pós-doutorado, intensificando a troca com universidades nacionais e estrangeiras, como a PUC-RS, UFF, Universidade de Coimbra e Universidade de Lisboa. Os grupos de pesquisa Direitas, História e Memória e Observatório da Extrema Direita também contribuíram consideravelmente para a expansão do LAHPS, sobretudo pois a característica de ambos é a interdisciplinaridade com a Antropologia, Ciência Política, Relações Internacionais e Economia. Nesse sentido, a proposta deste trabalho é situar a produção do LAHPS-UFJF no contexto político e na historiografia nacional, identificando sua contribuição para o campo das pesquisas sobre as direitas no século XX e XXI, sobretudo no que se refere à problemática do fascismo transnacional - aspecto central nas investigações do Laboratório atualmente. A partir disto, pretende-se também realizar um balanço das produções do LAHPS até o presente momento, seja teses e dissertações, seja os resultados dos processos de digitalização e catalogação de fontes variadas relacionadas às pesquisas sobre as direitas.

Mesa 8 – Rússia, leste-europeu e nacionalismos

Mediador: Flavio Limoncic (UNIRIO)

Sala Evaristo – 17h-19h

Populismos de direita e políticas de memória na Polônia e na Hungria

Mathews Nunes Mathias

(Doutorando UFF)

A proposta de pesquisa consiste em examinar de que forma os atuais governos da Polônia e da Hungria, liderados por partidos populistas de direita, tem implementado suas políticas de memória a partir da análise do Museu da Segunda Guerra Mundial (Muzeum II Wojny Światowej), em Gdansk, e da Casa do Terror (Terror Háza Múzeum), em Budapeste. A ideia é discutir as narrativas comuns que unem as políticas de memória do Lei e Justiça (Prawo i Sprawiedliwość, PiS), da Polônia, e do Fidesz, da Hungria, em torno de referências de vitimização e heroísmo. Em que pese as diferenças entre os dois países, é interessante observar que, além de traçar um sinal de igualdade entre o nazismo e o comunismo, ambos os governos, por meio da intervenção nesses museus, buscam reforçar a imagem dos poloneses e dos húngaros como vítimas inocentes que sofreram com o totalitarismo e, ao mesmo tempo, como heróis lutando pela liberdade da Polônia, da Hungria e da Europa no passado e no presente. Assim, a comunicação propõe uma reflexão crítica sobre a problemática da memória e dos usos do passado na Europa Central, sobretudo, no contexto de ascensão dos populismos de direita na região.

Bandera e Makhno: uma análise comparativa do legado de dois ideais de nação ucraniana.

Francisco de Paula Oliveira Fernandes

(Mestrando UFF)

Se propõe neste projeto uma comparação entre duas importantes figuras históricas ucranianas que se destacam, em parte, por terem suas próprias ideias de uma nação ucraniana: o colaboracionista nazista e líder da Organização de Nacionalistas Ucranianos (OUN-UPA) Stepan Bandera e o revolucionário anarquista cossaco Nestor Makhno. A comparação surge de uma percepção de que as diferenças nos usos e homenagens à memória dos dois líderes estaria relacionada diretamente às suas diferenças de ideologia, prática e, de fato, de como cada um entendia o que seria uma nação ucraniana.

Buscam-se as diferenças entre eles primariamente pelo fato do discurso público de normalização da heroização de um colaborador nazista se basear em grande parte em características que seriam compartilhadas por Makhno: a identificação da Ucrânia como um país independente e soberana e o embate contra invasores externos, incluindo comunistas (o que no caso de Makhno é, admita-se, uma matéria mais complexa do que simples anti-comunismo, visto que o próprio se intitulava um “Comunista Libertário”). Surge então o questionamento: se estas características são de fato suficientes para ter como herói nacional um colaborador nazista, porque não o são para que se valorize o legado de um revolucionário anarquista?

Resta a conclusão lógica a hipótese de que a razão para a valorização de um e não de outro deve estar nas suas diferenças, dentre as quais se identificam, inicialmente, três: o anti-semitismo, o anti-comunismo e o nacionalismo reacionário. Desta identificação deriva o questionamento que se objetiva explorar com este trabalho: o que unifica estas três características e porque uma democracia liberal como a Ucrânia atual daria preferência para a memória de alguém que as possuísse?

Para tal, se propõe uma revisão bibliográfica concentrada em duas frentes principais: na historiografia acerca de Bandera e Makhno, incluindo o legado do pensamento e atos de ambos, e no arcabouço teórico constituído acerca das características elencadas.

Destacam-se dentre as fontes utilizadas: Grzegorz Rossoliński-Liebe, Anders Rudling e John-Paul Himka sobre Bandera e a OUN-UPA; Alexandre Skirda, Colin Darch, Aleksandr Shubin e Michael Malet sobre Makhno, bem como os escritos do próprio, traduzidos para o inglês; por fim, Eric Hobsbawm, Alessandro Mascaro, Benedict Anderson e Walter Benjamin proporcionam a base da pesquisa teórica.

O fim do homem soviético? uma análise das evocações do(s) passado(s) pelo presidente Vladimir Putin

Ana Beatriz Ferreira Marques

(Mestranda UFRJ)

A pesquisa propõe realizar uma investigação sobre os usos do passado por Vladimir Putin utilizando como estudo de caso o discurso do líder russo na Assembleia Federal da Rússia, em 21 de fevereiro de 2023. Por meio da fonte, há a intenção em compreender qual passado o presidente emprega e de qual maneira ele faz uso para a construção de uma narrativa que se encaixa dentro de uma retórica das extremas direitas atuais. Para atingir tal objetivo, as principais falas do discurso serão classificadas em quatro grupos, sendo eles: patriotismo, política do nós x eles, negatização do passado soviético e conservadorismo, os

quais, apesar de serem distintos, se interseccionam e tornam-se essenciais para a edificação de uma gramática de extrema direita por Putin.

No âmbito de auxiliar e ampliar as reflexões sobre a fonte é necessária a empregabilidade dos conceitos de gramática, monumentalização e desmonumentalização. Sendo o primeiro trabalhado por Rodrigo Nunes, no livro “Do transe à vertigem: Ensaio sobre bolsonarismo e um mundo em transição” (2022) e o segundo desenvolvido por Marcos Napolitano, em “A escrita fílmica da história e a monumentalização do passado: uma análise comparada de Amistad e Danton”. Além disso, a pesquisa pretende incorporar as percepções do que é o Tradicionalismo indicadas por Benjamin Teitelbaum, em “Guerra pela Eternidade: O retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista” (2020), com o intuito de estabelecer relações entre o movimento e a gramática “putiniana”.

A partir da análise alinhada a uma base teórica e metodológica é possível indicar uma construção narrativa de Putin permeada pela utilização de dois passados: da Rússia czarista e da União Soviética. No entanto, apesar de empregar esses dois passados, o presidente realiza uma monumentalização do período czarista, enquanto lida com o passado soviético na chave da desmonumentalização, menos nos momentos em que discorre sobre as guerras do período.

A Quarta Teoria Política e o Tradicionalismo: o retorno ao passado pela extrema direita como enfrentamento ao capitalismo neoliberal

Beatriz Lima Oliveira da Silva

(Graduada UFF CAMPOS)

Natalia dos Reis Cruz

(Graduada UFF)

A Quarta Teoria Política faz parte do arcabouço ideológico de uma ramificação da nova extrema direita que encontrou no discurso antimoderno base para desenvolver um projeto político como resposta à crise do capital. Seu teórico, o russo Aleksandr Dugin, fundador do partido Nacional Bolchevique e que possui uma rede de contatos com a extrema direita internacional, teve como influência a filosofia Tradicionalista - que parte da rejeição de tudo que é considerado moderno em defesa do retorno à tradição e à pré-modernidade.

A proposta da pesquisa é analisar a filosofia Tradicionalista no discurso da nova extrema direita, tendo como objeto o livro A Quarta Teoria Política de Dugin. O objetivo da pesquisa é identificar quais pontos do Tradicionalismo foram incorporados na QTP, e se o autor russo direciona um tipo de interpretação em seu texto. A metodologia utilizada foi a Análise Crítica

do Discurso de Norman Fairclough, na qual a intertextualidade e a construção do discurso a partir das relações sociais são fundamentais para o estudo. Por ser um tema com poucas fontes e ainda não possuir uma linha historiográfica sobre, a pesquisa possui como referencial teórico o etnólogo Benjamin Teitelbaum – que investigou a relação entre os teóricos (Olavo de Carvalho, Steve Bannon e Dugin) e políticos da direita radical e a filosofia Tradicionalista. Além de Teitelbaum, o historiador Mark Sedgwick, especialista em Tradicionalismo, que investiga a história da filosofia perene e a tentativa de desenvolvimento da filosofia Tradicionalista na Rússia. E por fim, José Andrés Fernández Leost, cientista político espanhol que estudou a teoria de Dugin no que concerne às relações internacionais investigando a relação entre a mesma e um projeto político russo antiocidental.

Como resultado foi possível observar que o texto de Dugin possui “vozes” do Tradicionalismo – a ideia de uma Rússia tradicional em relação a um Ocidente decadente de moralidade. Ao reforçar elementos como o arcaísmo e o misticismo, o autor resgata uma suposta tradição pré-moderna. Por ter presenciado o fim da URSS e a diluição de um período que Dugin considera de prestígio para Rússia, o mesmo idealiza o passado russo. Além disso, ao descrever o Oriente como referência de tradição e cultura em oposição a um Ocidente liberal, Dugin direciona seu texto para uma interpretação dicotômica dos conflitos a nível global – o Oriente como o bem e o Ocidente como o mal -, assim tenta justificar sua rejeição a modernidade representada pelo Ocidente. Desse modo, desrespeitar os direitos humanos e valores considerados por Dugin como modernos é uma maneira de resistir ao capitalismo neoliberal. Ao trazer uma visão moral sobre a crise do capital Dugin acaba justificando discursos autoritários que idealizam o passado - algo que os fascistas do século XX utilizaram em sua retórica. Portanto, esse aspecto antimoderno do Tradicionalismo somado ao projeto de Dugin possui caráter totalitário e reacionário.

27/10 – Sexta-feira

Mesa 9 – Gênero, sexualidade e violência

Mediador: Demian Bezerra (UFF ANGRA DOS REIS)

Sala Evaristo – 10h-12h

Dulce et decorum est pro patria mori: Masculinidade e o morrer na extrema direita entre o ontem e o hoje

Tatiana Rodrigues Gama Russo

(Doutoranda UFRJ)

Esta apresentação encontra-se subjacente à uma pesquisa de doutorado em andamento. Tal pesquisa tem como hipótese que haja uma relação entre masculinidade, como uma norma, e luto do período entreguerras europeu, o que, por conseguinte, traz a relação entre masculinidade e violência. Surge, então, a partir da pesquisa decorrida, um nexos especial entre violência, branquitude e masculinidade, em especial, na noção heroica do martírio na guerra: “Dulce et decorum est pro patria mori” – é doce e adequado morrer pela pátria; sendo a imbricação com a masculinidade fabricada no contexto do nacionalismo.

O martírio, geralmente entendido em um contexto religioso, é transformado em linguagem do masculino durante a Primeira Guerra Mundial (FUSSEL, 2013; MOSSE, 1991) e é apropriado em um discurso da extrema direita, tanto no nazismo histórico, quanto nas novas direitas. O objetivo, então, é empreender uma análise dos discursos circulantes, em uma perspectiva comparada, na Alemanha pré e já nazista e da extrema direita hoje atuante, representada na figura de seus líderes institucionais, também na Alemanha, em especial, do partido Alternativa para a Alemanha (AfD).

A partir disso, se procurará estabelecer o espaço dessa masculinidade militarista em ambos os contextos sociais e imaginativos e como essa categoria consegue mobilizar determinados afetos, como a sociabilidade antissistema ou o nacionalismo xenofóbico. Explora-se, então, não apenas a noção de afeto, mas também como a categoria gênero – neste caso a masculinidade – faz parte da construção política desses afetos e da própria agenda política de determinados grupos. Por esse motivo, a metodologia utilizada será a análise do discurso, que é tanto interpretativa de textos materiais quanto de textos inscritos na cultura, o que nos leva a fazer uma análise histórica, política e social da circulação e da produção de tais discursos.

O referencial teórico desta análise é Michel Foucault, no entendimento de que tais discursos são produtores positivos de conhecimento e de subjetividades (ou de mecanismos de sujeição). O resultado parcial da análise está no fato de que tal linguagem é utilizada, faltando ainda estabelecer seus efeitos produtores bem como sua contingência de utilização. Como morrer pela pátria, ou o morrer, se torna um instrumento produtor da

extrema-direita, ao menos, neste discursos, é o que se busca compreender. Mais ainda, procurará se estabelecer uma relação entre a construção social da masculinidade e a manutenção da cesura racial no seio da soberania dos Estados que fica evidente nos discursos da extrema direita, ontem e hoje.

"Seria incapaz de amar um filho homossexual": o pânico moral em torno da pauta LGBTQIA+ como fator constitutivo da escalada bolsonarista

José Vicente Marinato Duarte

(Mestrando UFRRJ)

Giulia Gouveia Siqueira Pinto Homem

(Mestranda UFRRJ)

O objetivo deste trabalho é analisar a performance legislativa de Jair Messias Bolsonaro, ao longo de seus sete mandatos como deputado federal (1991-2018), em torno da temática LGBTQIA+. Tal estudo justifica-se ao passo que Bolsonaro foi o parlamentar que mais apresentou iniciativas anti-gênero (Lacerda, 2016), consolidando-se, portanto, como uma das principais vozes da reação conservadora no âmbito do gênero e da sexualidade no Congresso Nacional. A reação conservadora caracteriza-se como um movimento que teve início após a redemocratização, quando o país foi marcado por diversos avanços na esfera social, através de uma expansão da receptividade a reivindicações de movimentos sociais, ampliando, assim, a conquista de direitos para grupos subalternizados, como as mulheres e a população LGBTQIA+ (Mattos e Paradis, 2014). Contudo, essa onda provocou uma reação antagonista por aqueles que se sentiam ameaçados pelo progresso social (Miskolci e Campana, 2017; Santos e Payne, 2020), desaguando na criação do pânico moral no imaginário de diversos setores sociais e tornando-se uma das pautas centrais na conjuntura de recrudescimento conservador que se consagrou com a eleição de Jair Bolsonaro em 2018 (Biroli e Caminotti, 2020). Assim, a metodologia deste trabalho está baseada no Comparative Manifest Project (CMP), combinando análises qualitativas e quantitativas, constituindo-se como um recorte da pesquisa realizada pelo Laboratório de Eleições, Partidos Políticos, Política Comparada e (LAPPCOM), na qual utilizamos a abordagem pós-estruturalista de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (2001, 2013) a fim de identificar os distintos sujeitos sociais que o bolsonarismo articulou e mobilizou ao longo de sua trajetória parlamentar. Primeiramente, foram quantificados quantos discursos proferidos em plenário por Jair Bolsonaro abordam o tema, utilizando para tanto uma gama de palavras chave que

remetam à pauta, tais como “gay”, “lésbica” e “lgbt”. Posteriormente, uma vez que a abordagem metodológica utilizada nos permite classificar os discursos proferidos em códigos pré-estabelecidos relacionados a um tema específico - neste caso, a pauta LGBTQIA+ -, analisamos tais pronunciamentos de modo qualitativo, jogando luz à localização do posicionamento de Bolsonaro em torno do tema no espectro ideológico. Em vista do exposto, os resultados da pesquisa permitem-nos observar que seus discursos em plenário relacionados à temática LGBTQIA+, bem como a políticas públicas direcionadas a essa população, fundamentaram seu papel no cenário nacional como expoente principal da defesa da moral e dos bons costumes e, conseqüentemente, como opositor da “ideologia de gênero” que amedrontava o imaginário social contagiado pelo pânico moral. Portanto, o destaque de sua performance neste âmbito consolidou-se como fator crucial para seu crescimento eleitoral no pleito presidencial.

O fundamentalismo de direita segundo João Silvério Trevisan

Vinícius Potrich de Souza Macedo Gonçalves

(Mestrando UFRJ)

A comunicação se trata de um recorte da pesquisa que desenvolvo no Mestrado, cujo objetivo é expor o pensamento social e político do ativista pioneiro do movimento LGBTQIA+ brasileiro, João Silvério Trevisan, acerca da vivência e do ativismo homossexual no Brasil durante as décadas de 1970 e 1980. A princípio, minha comunicação visa compreender a forma como Trevisan descreve e analisa os emergentes grupos fundamentalistas de direita (catapultados ao "mainstream" político nos últimos 15 anos), tendo como fonte principal a 4ª edição do livro não ficcional mais importante do ativista, "Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil da colônia à atualidade", obra que, além de tratar do período a qual minha pesquisa de mestrado se centra, também discute a atualidade da política e da sociedade brasileira. Entretanto, a depender do andamento da pesquisa, pretendo também analisar o resto de seu corpo documental (testemunho concedido por Trevisan ao Memorial da Resistência de São Paulo, jornal Lâmpião da Esquina (1978-1981) e os acervos dos grupos do Movimento Homossexual Brasileiro: SOMOS e Outra Coisa) para identificar de que maneira Trevisan, durante as décadas de 1970 e 1980, compreendeu e dialogou com os grupos fundamentalistas de direita do período.

Pretendo, com minha comunicação, dialogar com outros estudiosos do tema, como a socióloga Angela Alonso, o filósofo Rodrigo Nunes e o antropólogo Ronaldo de Almeida. Trago para ela, ainda, o arcabouço teórico-metodológico da minha pesquisa de mestrado,

composto pelos estudos da história das homossexualidades no Brasil de Peter Fry, Edward MacRae, Renan Quinalha, James Green e o próprio João Silvério Trevisan, pelas conceitualizações teóricas de Alberto Melucci e Pierre Bourdieu e pelo direcionamento de análise e fontes expostos por Verena Alberti, Vavy Pacheco Borges, Tania Regina de Luca, Peter Fry e Edward MacRae.

Com o resultado desenvolvido a partir da pesquisa até o momento, minha comunicação pretendo mostrar que, no que tange à ascensão da direita fundamentalista no cenário político nacional dos últimos 15 anos, João Silvério Trevisan identifica uma tendência da atual extrema-direita em mobilizar a pauta anti-LGBTQIA+ como um elemento unificador de diversas tendências conservadoras, sobretudo os grupos evangélicos mais radicais e reacionários.

"A Liberdade bolsonarista vêm Pela Arma": o fascínio pela violência, pelo militarismo e por uma memória inexistente de Brasil.

Ana Caroline Paiva Lourenço

(Mestranda UFF)

Com a vitória em 2018 do então candidato à presidência da República, Jair Messias Bolsonaro, o Brasil decaiu em uma espiral de violência, histeria cognitiva, culto à violência bruta e destruição de quase todos os órgãos federais de preservação da Democracia Brasileira. Essa ideologia bolsonarista que adentrou não apenas nas casas e na sociedade civil, também contaminou as instituições de segurança: desde as Forças Auxiliares até as Forças Armadas.

Entre 2018 a 2022, o país presenciou inúmeras passeatas e protestos em apoio ao então governo. Protestos estes que, entre cartazes pedindo a chamada 'Intervenção Federal', com o Exército 'auxiliando' o presidente, no fechamento das instituições legislativas, contra o Superior Tribunal Federal, pedidos de Impeachment de ministros, como Alexandre de Moraes, passando pelas famosas 'selfies' com policias militares (prática comum da extrema-direita desde os protestos de 2015 pró-Impeachment de Dilma Rousseff) e muitas, muitas bandeiras do Brasil e de Israel.

Nosso objetivo será de observar a violência, o ressentimento e a nostalgia, pilares essenciais da ideologia bolsonarista dentro dos seus núcleos mais radicais, por meio do 'culto' às armas, o revisionismo da memória brasileira sobre a Ditadura Militar (1964-1985) e assim, por meio da glorificação do militarismo, entender a ideia da Tirania como de vital necessidade para a construção de uma Nação. A exaltação as bandeiras de Israel e as

suas Forças de Defesa, como exemplos a serem seguidos no Brasil. Dessa forma, buscamos analisar uma relação fanática, quase 'religiosa' entre a violência e a liberdade.

Mesa 10 – Extrema direita, redes políticas o projeto neoliberal

Mediador: Maria Paula Nascimento Araújo (UFRJ)

Sala Afonso – 10h-12h

A extrema direita contemporânea: Jair Bolsonaro e Javier Milei memórias e traumas fascistas

Milton Ferreira Lima dos Santos

(Mestrando UFRJ)

O objetivo deste trabalho é apresentar alguns resultados da pesquisa de Mestrado (2022-2024). As extremas direitas de Jair Bolsonaro (Brasil) e Javier Milei (Argentina) a partir de uma história comparada (de janeiro de 2022 até julho de 2023) mostram alguns aspectos convergentes e divergentes em seus discursos políticos no século XXI. O recorte historiográfico neste estudo de caso sobre Jair Bolsonaro (2018-2022) e Javier Milei (2021-2025) partiu da pergunta: Por que as extremas direitas no Brasil e Argentina do século XXI são classificadas como populistas? De saída o tema lida com uma concepção de pensamento único que foi forjada por uma visão única da direita (visto pelo fim da história de Francis Fukuyama). Contudo ao não tratar o conceito de fascismo na atualidade para qualificar a extrema direita que representam Jair Bolsonaro e Javier Milei, tanto os discursos acadêmicos (científico) quanto os da opinião pública (imprensa) instigam a investigação. Portanto esta extrema direita nos obriga a voltar à “batalha dos conceitos” (KOSELLECK, 2006).

Se pensarmos esses discursos políticos da extrema direita, no Brasil e Argentina, podemos lembrar Umberto Eco, quem nos advertiu para que não aguardemos os SS com casacos pretos elegantes; ou Albert Camus, quem diria beirar o ridículo, historiadores e historicistas pensarmos a volta dos fascistas do presente, de uniforme preto ou saudações fascistas. Teixeira da Silva e Schurster lembram o filósofo Rob Riemen, para chamar o fascismo deste século pelo seu devido nome (TEIXEIRA DA SILVA, SCHURSTER, 2022, p. 162,163). Jair Bolsonaro e Javier Milei representam extremas direitas fascistas.

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Rafael. MALTA, Marcio. Uma análise da relação entre a política interna e a política externa brasileira no governo Jair Bolsonaro. In: Política externa no Governo

Bolsonaro [livro eletrônico] : temas, resultados e retrocessos /organização Fernanda Nanci Gonçalves, Gustavo do Amaral Loureiro, Beatriz Bandeira de Mello. -- 1. ed. -- Belo Horizonte, MG : Lemos Mídia, 2022. PDF

Charaudeau, Patrick. Discurso político /Patrick Charaudeau: tradução Fabiana Kojnesu e Dílson Ferreira da Cruz. – 2. ed. – São Paulo: Contexto, 2011.

Koselleck, R. Uma perspectiva da história dos conceitos - Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Patrícia Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto/ Ed. PUC-Rio, 2006.

MENDES, Ricardo. Javier Milei. Novo dicionário crítico do pensamento das direitas: ideias, personagens e instituições. Orgs. Da 2ª edição – Francisco Carlos Teixeira da Silva, Karl Schurster e Dilton Santos Cândido Maynard. Volume 1, EDUPE, Recife, 2022.

TEIXEIRA DA SILVA, Francisco Carlos & SCHURSTER, Karl. Passageiros da tempestade: fascistas e negacionistas no tempo presente. Recife: Cepe, 2022.

"Mont Pèlerin Society" e o projeto neoliberal.

Lucas do Couto Soares

(Graduando UERJ)

Arthur Bernardo Teixeira

(Graduando UERJ)

O presente trabalho tem como objetivo discutir o surgimento e o papel da “Mont Pèlerin Society” (MPS) nos discursos de detração à universidade, que têm como um dos principais vetores os “thinks tanks”, influenciados e abastecidos intelectualmente e programaticamente pelas manifestações monográficas de seus membros, que estão inseridos em um projeto neoliberal mais amplo no contexto da Guerra Fria. Nesse sentido, faremos o mapeamento da rede de intelectuais gerada a partir do Colóquio Walter Lippman e da “Mont Pèlerin Society” através da análise de fontes primárias, da leitura bibliográfica de obras como a “Nova razão do mundo”, de Pierre Dardot e Christian Laval e “The road from mont pèlerin”, de Philip Mirowski e Dieter Plehwe, e pela pesquisa e apuração prosopográfica dos membros fundadores da MPS. Buscaremos, ainda, identificar as tendências de crítica à universidade através do exame do discurso neoliberal presente em obras influentes de ampla circulação, como é o caso de “O Caminho da Servidão”, de Friedrich Hayek. Por fim, apresentando os resultados obtidos através do método prosopográfico, pudemos observar as seguintes dimensões analíticas: o grupo, formado majoritariamente por professores universitários, e estritamente por europeus e estadunidenses, reflete a correlação de forças

geopolítica do período; o proclamado caráter “interdisciplinar” do grupo pode ser questionado na medida em que podemos constatar desproporcional predominância de economistas. Esses resultados provisórios serão, a partir de agora, observados à luz de outras considerações contextuais, a partir das quais a pesquisa se propõe a refletir sobre o projeto neoliberal que transita da Europa para os Estados Unidos nos anos 1950, sua relação com os discursos de crítica à universidade e sua influência nos chamados “think tanks”.

"Ao sacrifício ou à libertação": Léon Degrelle e a campanha russa (1949)

Augusto Cesar Oliveira Martins

(Mestrando UFRJ)

A presente proposta de apresentação visa expor um breve estudo de uma das principais obras escritas por Léon Degrelle, político responsável pela criação do Movimento Rex na Bélgica de 1935. Personagem que acabou incorporando para si um grande papel na história belga por meio da colaboração militar e política com os nazistas depois da invasão do território em 1940. Buscando evitar seu aprisionamento e eventual condenação por crimes cometidos enquanto servia as fileiras da Wehrmacht e da Schutzstaffel (SS), Degrelle foge para a Espanha antes da rendição formal da Alemanha. Em exílio, escreve uma série de obras que estão intimamente inseridas no cenário internacional da época. Para além dessas intencionalidades contemporâneas ao autor, é possível observar camadas de autorreferência que visam legitimar não apenas o movimento que liderou em seus anos de agitação política na Bélgica, mas principalmente a si e as ideias constitutivas da identidade do autor.

Nessa obra escrita por Degrelle, encontramos inúmeros temas: política, literatura e, sobretudo, história. Lugar de privilégio onde é possível constatar um jogo simbólico que reflete as imagens assumidas. Esses reflexos postulados por tais articulações são de grande interesse para o estudo das autobiografias políticas, em especial aquelas que tentam se auto-justificar através da formação de um mito que encontra respaldo em noções conspiratórias que ressentem e negam para melhor se adequar à intenção do autor.

Mesa 11 – Memória, trauma, monumento e conflitos

Mediador: Denise Rollemberg (UFF)

Sala Evaristo – 13h-15h

Espaço em conflito: o memorial às vítimas do Holocausto na cidade do Rio de Janeiro

Yvonne Archanjo Massucate Barbosa

(Doutoranda UFJF)

Os debates sobre a memória, suas formas de materialização e seus espaços, sempre estiveram presentes nas pesquisas acadêmicas. A respeito desses espaços, emerge, no Brasil, por iniciativa de membros da comunidade judaica carioca, a ideia para a construção de um memorial em homenagem às vítimas do holocausto. Assim, em 1998, a partir de concurso público, é concebido o projeto para o memorial, inicialmente proposto para a Enseada do bairro Botafogo, no Rio de Janeiro. Todavia, somente em 2018, na gestão do prefeito Marcelo Crivella, ocorre a cessão do espaço para sua viabilização. O fato é que novo local destinado à implantação do memorial, o Morro do Pasmado, é uma área de amortecimento da paisagem cultural reconhecida internacionalmente pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e esse é um dos pontos que culminaram em uma ação judicial promovida contra a construção deste espaço de memória. Além de questões relacionadas ao patrimônio paisagístico e cultural, outros debates podem ser elencados nesta pesquisa, tais como a existência de um espaço destinado a memória judaica em detrimento de outros grupos de grande relevância para a memória nacional. Outro ponto crucial que este trabalho deverá abarcar será a apropriação da memória judaica por outros grupos, tais como os neopentecostais, tendo em vista a manifestação expressiva e positiva sobre a construção do memorial em questão. Portanto, a proposta da tese é trazer tais apontamentos e sugerir uma pesquisa mais aprofundada sobre o tema, na busca pela elaboração de uma biografia do memorial e os futuros desdobramentos de seus fatos intrínsecos.

O mito da democracia racial e disputas de memória no patrimônio do Rio de Janeiro (2017-2020)

Bianca Pereira Bastos

(Doutoranda PUC-RIO)

A presente proposta tem por objetivo analisar as relações político-teológicas, sociais e identitárias, presentes no processo dos usos do judaísmo imaginário pela nova direita cristã no Brasil. Compreendendo os grupos neopentecostais e conservadores, esta nova direita se une diante da tentativa de superação de uma esquerda imaginária, e para o cumprimento de uma agenda moral e teológica. Nesta disputa de imaginários, o objeto da análise das novas configurações aborda dois patrimônios na cidade do Rio de Janeiro, a saber o

Memorial às Vítimas do Holocausto, no Morro do Pasmado, e o Museu da Escravidão e da Liberdade, localizado na zona portuária da cidade. Ambos tiveram suas etapas de implementação durante o governo do então prefeito Marcelo Crivella, que é bispo licenciado pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), e explicitou em sua gestão diversas pautas da IURD e da nova direita, como o caso da parceria com a comunidade judaica carioca conservadora, além dos diversos episódios de recusa da cultura de matriz africana na cidade.

Embora as relações de disputas envolvam burocracias dos órgãos de regulamentação e preservação patrimonial, elas avançam para questões que tangem as identidades. Isto porque as identidades não são estanques ou fixas. Não obstante, a memória assume um papel de estabelecimento do ponto em comum da nova direita cristã, por meio do processo de afirmação do comum à coletividade. Neste ponto, a memória remete ao passado enquanto horizonte de expectativas, e não como o espaço de experiência, como propôs Reinhart Koselleck.

Nesse sentido, a presente proposta visa examinar as diversas faces da disputa pelo passado que configura sentido às dinâmicas do presente. A partir da união de dois grupos distintos (judeus e neopentecostais) que compartilham ideias e crenças religiosas, conservadoras e políticas, configura-se uma comunidade na qual realizam a partilha do comum a este coletivo. Com base neste processo, como é desenhado ao longo do projeto, há a proposta de estabelecimento de uma disputa identitária na sociedade brasileira, que envolve sobretudo um debate racializado. Este empreendimento se dá, sobretudo, a partir da noção de embranquecimento por parte da nova direita cristã e da memória da escravidão, possivelmente estabelecendo um novo regime de historicidade. Portanto, a base das reflexões desta análise conta com a colaboração das ciências sociais, em especial a antropologia, que forneceu importantes conceitos e análises para que fossem forjadas novas propostas conceituais para a abordagem destas configurações.

Memorial por Jonas Federman

Jonas Federman

(Doutor ECO/UFRJ)

Comentários sobre as primeiras entrevistas relativas ao meu pós doutoramento que se inicia em setembro deste ano. Entrevistas: Sofia Levy (memorial do holocausto RJ), Carlos Reiss e Michel Erlich (Museu Judaico de Curitiba) e Karl Schurster (historiador).

O impacto do Julgamento de Eichmann no “paraíso racial”: impressão da mídia brasileira sobre perpetradores e vítimas de violência racial (1960 - 1970)

Beatriz dos Santos da Silva

(Graduanda UFRJ)

Vinícius Soares Alves Saióro de Oliveira

(Graduanda UFRJ)

Nas circunstâncias do julgamento de Eichmann, desde a sua captura em 1960 na Argentina, até a execução da sua pena de morte em 1962, a opinião pública mundial pôde acompanhar avidamente os episódios diários daquele experimento dramático a partir do qual as vítimas, sobreviventes do holocausto, ganhariam naquela e nas décadas seguintes uma nova inscrição moral e afetiva no imaginário do ocidente. A elevação da vítima à condição de protagonista naquele experimento dramático, desafiaria a memória histórica da Segunda Guerra Mundial, marcada substancialmente, no imaginário do ocidente, como a história da vitória dos aliados na luta contra o nazismo, a mais eloquente narrativa da luta do bem contra o mal. Há uma larga produção historiográfica que desde então explora as dimensões transnacionais do julgamento de Eichmann, buscando identificar as particularidades da sua recepção conforme o contexto nacional e cultural. O objetivo deste trabalho é investigar o impacto simbólico, raramente tratado, do legado do julgamento de Eichmann no contexto brasileiro, em especial as narrativas da imprensa brasileira sobre perpetradores e vítimas de violência racial.

Mesa 12 – Extrema direita, raça e identidade

Mediador: Juçara da Silva Barbosa de Mello (PUC-RIO)

Sala Evaristo – 15h-17h

A escravidão africana e o racismo estrutural na afirmação da Extrema Direita Brasileira: análise de um canal do Youtube

Camila Leite do Nascimento

(Mestranda UERJ)

No imaginário das elites brasileiras, a difusão de discursos racistas se perpetua como um projeto de construção histórica. É possível identificar fenômeno similar por meio da movimentação de uma extrema direita atualizada (Valdeir, 2020) que se manifesta por meio do canal “Brasil Paralelo” do Youtube, das quais negam o processo da escravidão e

consequentemente, o racismo estrutural, assim como contribuem para a construção de uma realidade sob sua própria ótica. Ávila (2021) define quem são os sujeitos atrás do canal e a importância de estudá-los, cuja ambição do empreendimento “é a de “expandir a consciência dos brasileiros”– os mais céticos diriam que seu objetivo é, na realidade, ser o braço intelectual da Nova Direita, ainda que cinicamente os seus idealizadores digam-se “independentes” e “imparciais”” (Ávila apud Direito de resposta, 2021, p. 166). A comunicação possui o objetivo de apresentar notas iniciais de uma pesquisa em andamento, da qual busca a compreensão dos discursos presentes no canal do youtube Brasil Paralelo acerca de assuntos que envolvem a temática de racial no Brasil. Para isso, os objetivos são: (i) compreender os discursos raciais da extrema direita atualizada e (ii) o impacto do protagonismo de tais grupos no cenário político e social ao tentarem reconstruir o passado no presente. O método da micro-história (Levi, 1992) é utilizado como ferramenta de análise, pois a pesquisa busca realizar uma redução de escala - análise dos discursos do canal do Youtube Brasil Paralelo - de acontecimentos que ocorrem mundialmente, no caso, as movimentações e debates em torno de temáticas raciais que ocorrem dentro da extrema direita. O conceito de direita atualizada (Valdeir, 2020), contribui para explicar um grupo que “em revistas, redes sociais, tvs e palestras, segregam diariamente a doutrina da atualização e suas promessas. Esse discurso infiltra todas as dimensões da vida até se projetar como um clima social” (ibid., p. 122), ou seja, são a inteligência, criam um futuro por meio de uma narrativa do passado que trata-se da negação do fato histórico da colonização e consequentemente do racismo. A negação da escravidão africana e do racismo estrutural no Brasil, é explicada por meio da ideia de que a escravidão não foi movida por razões étnicas e colocam personagens europeus como heróis. Lopes (1988) já identificava este tipo de narrativa também presente no racismo científico, das quais os portugueses não mencionam a destruição que trouxeram para as colônias, muito menos falam sobre as resistências que ocorreram durante esse processo (ibid., p. 3). Dessa forma, o entrecruzamento dos discursos da extrema direita atualizada e a negação da escravidão africana resultam em um fator fundamental: a restauração do racismo estrutural, que faz parte da organização econômica e política da sociedade e portanto, ele oferece as ferramentas para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam as relações sociais (Almeida, 2019, p. 15).

"Você não é igual": identidade e neofascismo na América Latina

Gabriel Benedito Machado

(Mestrando UFJF)

O autodenominado movimento identitário, em seus primórdios, fora uma expressão neofascista tipicamente europeia, caracterizado como uma reação à globalização e a imigração em massa no continente, fazendo a defesa de uma identidade nacional formada essencialmente por aspectos étnicos e/ou biológicos contra supostas ameaças ligadas à modernidade capitalista e ao multiculturalismo. Contudo, nas últimas décadas, o identitarismo se tornou um fenômeno efetivamente global da extrema direita, com interpretações locais em regiões extra-europeias.

Para John Morgan, ex editor da Arktos Média, o identitarismo pode ser transplantado não somente na Europa, mas em qualquer lugar onde haja a ligação entre uma tradição cultural e histórica com as pessoas, o que corrobora com uma percepção identitária de um destino comum dos povos brancos a qual desencadeia, em diferentes terras, manifestações de solidariedade internacional (Zúquete, 2018). Exemplos de grupos identitários fora da Europa são: American Identity Movement, nos EUA; Generation Identity South Africa, na África do Sul; Identity Australia, na Austrália.

Para Roger Griffin (2003) o fascismo não tem seu fim em 1945, mas se adapta ao contexto pouco fértil ao apelo nacionalista revolucionário que marca o pós-guerra, formando organizações com características particulares e apartadas do modelo genérico do fascismo clássico. Sem perder o cerne de ultranacionalismo regenerador, esse campo político passa a se organizar em pequenos grupelhos capazes de se organizar colaborativamente, formando uma rede de ativistas. As direitas grupusculares, como são chamadas, encontram na internet e na globalização meios de potencializar sua atuação e a internacionalização de uma rearticulação fascista em novas roupagens.

Este trabalho tem como objetivo examinar as particularidades de grupos que se entendem como identitários no contexto latino americano. Partindo da proposição que o conceito de “identidade” está no cerne das problemáticas e propostas políticas que norteiam esses grupos, buscaremos entender as proximidades e especificidades mobilizados por esses grupos no contexto latino americano.

Usaremos como fontes os manifestos e textos doutrinários de três grupos: o Legião Identitária, grupo criado em 2016 com o objetivo de preservar cultura euro-descendente no sul do Brasil; o chileno Fuerza Nacional-Identitaria, grupo existente desde 2012, o qual propõe defender a identidade criolla, entendida por eles como a identidade dos povos de origens europeias em território americano.

Por fim, temos como método de análise estudos ancorados em discussões sobre redes digitais, nacionalismo, ciberespaço, neofascismo, extremas direitas. Destacamos os trabalhos *Researching the Far Right: Theory, Method and Practice* organizado por Stephen D. Ashe e *Researching Far-Right Movements: Ethics, Methodologies, and Qualitative*

Inquiries organizado por Emanuele Toscano. A pesquisa se encontra na fase inicial do mestrado.

Racismo, Antissemitismo e suas vítimas no século XX: identidades, subjetividades e tentativas de superação

Dirson Fontes

(Doutorando UFRJ)

Daiani Barbosa

(Doutoranda UFRJ)

Diante da chamada Modernidade, o “homem branco ocidental” buscou impor-se como modelo hegemônico, autorizando a si próprio como sujeito de direitos (democracia, liberdade, igualdade, cidadania, nacionalidade). Nesse sentido, ao longo do século XX, foram repetidos os episódios de extrema violência que violam direitos humanos. Em especial, nos referimos aos processos de racialização na forma do antissemitismo moderno, fruto da experiência nazista, e ao racismo estrutural, ainda presente na realidade brasileira. Portanto, pretendemos aqui apresentar o racismo como um fenômeno social sistêmico que possui historicidade. A análise é substanciada pelo testemunho de Jean Améry, judeu sobrevivente de Auschwitz e pelos escritos de Abdias do Nascimento, um dos fundadores do Teatro Experimental do Negro (TEN). Por fim, com a trajetória de ambos, traçamos aproximações entre o antissemitismo e o racismo supondo a lógica da raça como demarcadora de identidades sociais (negra/judaica). Trata-se de uma abordagem comparativa e análise qualitativa secundada por literatura especializada, ou seja, de uma análise crítica da trajetória e das obras de Jean Améry e Abdias do Nascimento como suportes para pensar o racismo e o antissemitismo na segunda metade do século XX.

Nas circunstâncias do nazismo, os instrumentos gerados pela modernidade, como o avanço tecnológico e a burocracia racionalizada, são subvertidos em nome da violência racial. Sem as possibilidades da modernidade dificilmente teria o Holocausto atingido tamanha escala (BAUMAN, 2001). A estratégia justifica o genocídio judaico como um planejamento estatal fundamentado em elementos raciológicos. Por sua vez, a interpretação da realidade social brasileira, enquanto experiência moderna de uma democracia tolerante e predestinada à conciliação das diferenças (econômicas, políticas e culturais), se contrapõe, sobretudo, ao fenômeno do racismo, que persiste desde o esforço colonial até os dias atuais. No entanto, ainda que sob contextos distintos, ambos processos de racialização condicionam a expressão de subjetividade (emoções e sentimentos) das vítimas da violência racial, assim

como demarcam suas reivindicações por reparação e justiça histórica. A pesquisa historiciza raça e racismo a partir de uma perspectiva dialógica e crítica que parte, principalmente, de dois momentos: do trauma do Holocausto e da idealização e mito da democracia racial no Brasil (GUIMARÃES, 2002). Nesse sentido, podemos verificar um campo de disputas em que a raça aparece como um marcador social de diferença e de justificativa de violências, mas que, ao mesmo tempo, produz aproximações entre grupos historicamente minorizados.

Missões religiosas da extrema direita e resistências indígenas

Damires dos Santos França

(Doutoranda UFRJ)

No Brasil, ao longo dos séculos, a gramática cristã e antissemita que sempre produziu perseguição e segregação racial e social se traduziu na permanente desumanização dos grupos racializados. A nova direita potencializou o discurso de exclusão e ordem social a partir da idealização da branquitude brasileira que não concebe a ideia de perder algum de seus privilégios. As igrejas cristãs, mais especificamente as evangélicas neopentecostais que cresceram durante as gestões de governos democráticos, se mobilizaram em torno das ideias da extrema direita seguindo a lógica conservadora dos costumes e a teologia da prosperidade de encorajamento e estímulo aos fiéis na força empreendedora de si mesmos. Em relação aos povos originários, a extrema direita brasileira vem acionando a visão anti-indígena que organizou o imaginário coletivo da sociedade brasileira com intuito de combater os direitos sociais e políticos assegurados a eles. A atual marcha para o norte demandando recursos minerais para alimentar as tecnologias informacionais, terras e água para o agronegócio, vem encontrando barreiras: os indígenas. Mas diante da predisposição das diversas etnias indígenas em permanecerem na luta por seus territórios, uma nova, porém antiga, estratégia de pacificação dos ânimos se realiza pela inserção da religião dominante nas áreas cobiçadas pelo capital.

O governo Bolsonaro apoiou várias missões religiosas em terras indígenas com o objetivo de utilizar a bíblia para o projeto político religioso fundamentalista neoliberal da extrema direita junto aos indígenas.

Diante do exposto, a pesquisa possui relevância devido à ausência deste estudo na literatura acadêmica, embora as duas questões - indígenas e extrema direita- estejam sempre presentes nas mídias, jornais e redes sociais mas apresentadas de forma dissociada. A presente pesquisa procurará verificar as formas de aproximação utilizadas pelas missões evangélicas junto às comunidades indígenas (urbanos e/ou aldeados) do

município de Manaus; entender os preceitos religiosos que legitimam e justificam a expansão da igreja evangélica na região; identificar as consequências dos contatos, estimulados pelas missões, sobre a cultura ameríndia dos grupos originários da região; constatar as formas de resistência indígena às investidas das missões. Como metodologia, realizar-se-á levantamento bibliográfico e utilizará entrevistas com indígenas urbanos de cidades e de pesquisa de campo na região para promover uma compreensão sobre os conflitos socioambientais e religiosos na região. Como referencial teórico, utilizamos autores que debatem o papel da extrema direita e a questão da religião como Enzo Traverso, Christina Vital Cunha, Ricardo Almeida, Michel Gherman e Eli Couto Ferreira. A questão da colonialidade do ser, poder e saber com Ramón Grosfoguel, Aníbal Quijano, Ailton Krenak, Davi Kopenawa e Achille Mbembe.

Mesa 13 – Política e religião

Mediadora: Christina Vital da Cunha (UFF)

Sala Afonso – 15h-17h

O pastor e a política

Bruna Ayres Machado

(Graduanda CPDOC)

Desde o início da graduação de Ciências Sociais, interesse-me em compreender aspectos da extrema-direita no Brasil. A presente pesquisa foi realizada no âmbito da disciplina de Metodologias Qualitativas, que tinha por objetivo a realização de um exercício etnográfico. Aliando meu interesse em engajamento militante bolsonarista a teorias antropológicas sobre rituais, dediquei-me a observação participante de cultos da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), em uma unidade da Zona Sul do Rio de Janeiro, às vésperas do segundo turno das eleições presidenciais de 2022.

O objetivo da pesquisa era compreender como se dava, no contexto da interação entre pastores e fiéis, a orientação de voto para o pleito federal. Frente a uma das disputas

eleitorais mais acirradas desde a redemocratização, interessava-me apreender aspectos do discurso do pastor que direcionassem de alguma forma a escolha dos eleitores iurdianos. Naquele momento, já era conhecido, através da imprensa, o apoio de Edir Macedo a Jair Bolsonaro. Oficialmente, no entanto, a IURD não declarava apoio explícito ao então presidente em nenhum de seus canais de comunicação.

Nesse sentido, era válido investigar se durante os cultos existia algum tipo de condução por parte dos pastores para que os fiéis votassem em Bolsonaro. Mais do que isso, era relevante saber se essa indicação se dava através de algum tipo de constrangimento. Para realizar a pesquisa, frequentei os cultos como uma fiel durante três semanas, em dias e horários distintos. A decisão de estar presente em momentos diversos era resultado não só da necessidade de registrar diferentes falas para diferentes públicos, mas também de apreender os variados ritos que ocorriam ao longo da semana.

As referências teóricas que nortearam a pesquisa estão calcadas em estudos sobre a Teologia da Prosperidade (doravante, TP) no Brasil. A principal obra que orientou a compreensão de elementos apreendidos durante a observação dos cultos foi *A mulher universal: corpo, gênero e pedagogia da prosperidade* (2016), da antropóloga Jaqueline Teixeira. Resultado uma etnografia que revela como a filosofia da TP tem desdobramentos concretos na conduta da mulher iurdiana, o livro nos mostra como as práticas rituais da IURD acabam por provocar uma mudança ideológica, e porque não dizer política, na vida dos fiéis.

As conclusões de Teixeira vão ao encontro dos resultados desta pesquisa, que indica que o processo de engendramento da TP, junto aos fiéis, encontra-se de tal modo sedimentado que a escolha pelo projeto político de Jair Bolsonaro se dá como algo natural para aquela comunidade. Os princípios de empreendedorismo, defesa da família e redução dos Estado que orientam a agenda programática dos ex-presidente são a todo momentos reforçados pela filosofia de vida da TP durante as práticas rituais nos cultos da IURD. Desse modo, a pesquisa levou ao entendimento de que a indicação de voto se dá sem constrangimentos, embora não sem algum tipo de coação.

A psicanálise da Faculdade Gospel - um estudo de caso

Milleni Freitas Rocha

(Mestranda UFF)

A pesquisa teve o objetivo de responder às duas perguntas principais: 1) de que maneira um conhecimento vinculado a uma faculdade evangélica produz, ao oferecer um curso denominado psicanálise, perspectivas políticas conservadoras, intelectuais e teológicas? 2)

como a mobilização da psicanálise é feita teologicamente, dentro desse segmento evangélico? Para responde-las metodologicamente, foi necessário estudar o material escrito em três volumes dos livros e assistir aos quatro principais DVD's do curso de Psicanálise Clínica da Faculdade Gospel, quando foi possível, realizei uma viagem de campo de três dias para Ituiutaba, em outubro de 2022, no evento de formatura da Faculdade Gospel.

Após consolidação do material reflexivo dessas fontes em conjunto com a bibliografia mobilizada, resultou no percurso dessa dissertação que perpassou primeiramente em uma apresentação geral do material de EaD, comprado por meio do site do Seminário Gospel da Faculdade Gospel. Em seguida, uma reflexão sobre o que significaria socialmente um título, um diploma, nessas configurações teológicas e seculares. Por último, uma análise do significado atribuído à psicanálise da Faculdade Gospel, que rompe com as escolas freudianas tradicionais.

As principais conclusões acerca do curso e de seu contexto de produção chamam a atenção para a crescente mobilização dos estudos “psi” em campos de terapias exotéricas, holísticas ou religiosas. O uso da psicanálise como ferramenta teológica demonstrou, no estudo de caso da Faculdade Gospel, um apagamento da teoria freudiana em seus termos e um esvaziamento reflexivo em prol de alinhá-la às perspectivas higienistas e morais, presentes no estabelecimento da psicanálise no Brasil pela elite médica em meados dos anos 1920. A disputa que a Faculdade Gospel faz sobre a psicanálise também perpassou a discussão da identidade judaica de Freud e sua ausência religiosa, culminando em mobilizações de fundamentos antissemitas clássicos para sustentar um filosemitismo/filojudaísmo. Bem como a adoração de Israel e a reafirmação de uma Israel Imaginária, conceito reinventado teoricamente pelo Michel Gherman para pensar a política brasileira contemporânea, que na Faculdade Gospel também aparelham gramáticas conspiratórias de um antissemitismo tradicional.

Uma batalha político-espiritual? Conservadorismo católico nas Eleições de 2022 através do padre Paulo Ricardo

Gabri Kucuruza

(Graduanda FGV CPDOC)

De acordo com o padre Paulo Ricardo, acontecia uma guerra político-espiritual na época das Eleições de 2022. A salvação da nação residia nas mãos dos verdadeiros fiéis, que não deveriam esmorecer, pois há o Céu para os mártires dispostos a lutar pela civilização e valores cristãos na Terra de Santa Cruz. Essa comunicação traça um retrato exploratório da

produção nas redes sociais do referido padre, figura com amplo alcance midiático-político e visibilidade nas redes, visando acessar setores católicos conservadores e tradicionalistas nas eleições de 2022. Objetivou-se analisar formas de sua atuação nas eleições enquanto mobilizador da comunidade moral bolsonarista entre católicos e a gramática no seu discurso. Produções partilhadas no Youtube e no seu site oficial são abordadas, em diálogo com dados da mineração dos tweets do clérigo via linguagem de programação R. Focou-se no ano de 2022, com ênfase entre o 1º e 2º turno da eleição presidencial, entendida por ele como a “mais importante da nossa história”. Alonso (2019) entende os bolsonaristas como uma comunidade moral estruturada na crença em códigos binários, apelando para o nacionalismo através do mal comunista ameaçador. Apenas autoridades morais ligadas à divindade cristã e à nação serão hierarquias reconhecidas. O padre é influenciado por Olavo de Carvalho e ele se conecta diretamente a Jair Bolsonaro. Ele está no Youtube desde 2010, com mais de 257 milhões de visualizações, e cerca de 1,52 milhão de seguidores. No período analisado, identifiquei 17 vídeos com teor político explícito: a questão do comunismo e marxismo são centrais, junto da importância da educação cristã em um contexto de destruição da civilização/valores cristãos e “infiltração socialista” na educação. Nas suas falas, há um conservadorismo revestido de semântica espiritual de enfrentamento do “mal”, do “pecado” e da “imoralidade” no Brasil, junto de gramática de conspiração. O seu Twitter consiste no compartilhamento dos links de seus vídeos e artigos do seu site. Extraí os tweets entre os dias 01/01/2022 e 26/11/2022, formando um banco de dados para entender quais tweets tinham maior engajamento. Dos 20 tweets com mais curtidas apenas um tweet sobre boa liturgia e música pode ser considerado apolítico, o mais curtido é sobre a posição de presidentiáveis sobre o aborto. As mensagens que mais reverberam são aquelas no viés conservador. Para o padre existe a vívida percepção de que os cristãos estão sob grande risco de perseguição. Ele indica que cabe aos fiéis atuarem no mundo político a partir dos ensinamentos católicos, na sua linha de interpretação, para a defesa dos valores cristãos. Apesar de não mencionar nominalmente um candidato à presidência, podemos considerar Paulo Ricardo como um articulador da comunidade moral bolsonarista sem anunciar seus pés nela. A gramática do mundo, pautada em um catolicismo conservador e em uma leitura da realidade segundo Olavo de Carvalho, possibilita convergências e conversões.

A Teologia do Domínio e a narrativa das Direitas

Stella Fátima Coelho Garrido

(Mestranda UERJ)

A presente comunicação é parte integrante da pesquisa desenvolvida no mestrado de História Política sobre a relação entre o cenário político e agente religiosos evangélicos que se utilizam da Teologia do Domínio como ferramenta discursiva.

A Teologia do Domínio (TD) baseia-se em uma ótica de disputa de poder em dois polos: o bem e o mal. Também conhecida como Teologia do Reino ou Kingdom Now (ICE, 2009), dialoga com a crença salvacionista da volta de Jesus para a instauração do seu reino, que poderia ocorrer a qualquer momento, criando assim uma necessidade de evangelística para salvar o mundo das trevas. Contudo, essa ótica religiosa acabaria invadindo a outros campos da sociedade, criando uma disputa por poder que se justifica como uma luta legítima entre bem e mal. E para se combater “o mal” qualquer coisa deve ou pode ser feita, até mesmo fomentar uma narrativa eliminatória daquele que o representa.

Virginia Garrard explica que “os cristãos evangélicos são cobrados por Deus para “reivindicar domínio” sobre suas nações de origem, se não o mundo inteiro.” (2020, p.4, tradução nossa). A pauta da religiosidade acaba servindo como motivação e desculpa para alcançar o poder em esferas para além da religião. Temas como orientação sexual, aborto e educação acabam sendo cooptados e transformados em arenas de disputa da TD.

Tendo como base pautas de cunho moral, somadas à fins religiosos, a direita, e por vezes a extrema direita, se utilizam desses argumentos para justificar suas motivações e atitudes. O objetivo da pesquisa é demonstrar como a Teologia do Domínio é utilizada para alimentar a retórica da direita, utilizando análise semântica de tuítes de pastores evangélicos, como Silas Malafaia e Marco Feliciano, nas eleições presidenciais de 2018 e 2022.

O trabalho aponta como resultado parcial que a utilização do Twitter, como rede social, fomenta um discurso da direita e da extrema direita alimentado por pastores evangélicos que se utilizam de uma lógica combativa presente na TD para justificar até mesmo a animosidade de suas palavras. A esfera da moralidade vira a pauta da política deixando de lado questões de cunho econômico e social. Chantal Mouffe aponta que a disputa nós/eles quando entendida “como um confronto moral entre o bem e o mal, o oponente só pode ser percebido como um inimigo a ser destruído” (2015, p.5). A TD funciona como uma estratégia narrativa no campo religioso apoiador das direitas, relativizando a eliminação do outro, quando esse outro, colocado no campo político da esquerda, é reificado como a materialização do mal.

Conferência de Encerramento – Fundamentalismo, Conspiracionismo e Neofascismo

Data: 27/10 - 18h

Local: Salão Nobre (IFCS, 2º andar)

Convidados: Christina Vital da Cunha (UFF); Ricardo de Castro (UFRJ); Chico Carlos Teixeira da Silva (UFRJ/UFJF); João Cesar de Castro Rocha (UERJ)
Mediadora: Mônica Grin (UFRJ)